



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Marina Meyer Aguirre de Andrade

JOGOS DRAMÁTICOS E O FAZ DE CONTA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINAS
2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Marina Meyer Aguirre de Andrade

JOGOS DRAMÁTICOS E O FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp, para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Ayoub.

CAMPINAS
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

An24j Andrade, Marina Meyer Aguirre de, 1995-
Jogos dramáticos e o faz de conta na educação infantil / Marina Meyer Aguirre
de Andrade. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Eliana Ayoub.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação Infantil. 2. Jogos dramáticos. 3. Faz de conta. 4. Imaginação. 5.
Criação. I. Ayoub, Eliana, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

Early Childhood education

Dramatic games

Make-believe

Imagination

Creation

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciado em pedagogia

Banca examinadora:

Márcia Maria Strazzacappa Hernandez

Data de entrega do trabalho definitivo: 28-12-2020

Dedico este trabalho à minha mãe, que, além de todo o esforço, está tão presente neste trabalho como esteve em toda minha vida.

À minha orientadora, por tornar esse sonho possível, e a todos os profissionais da Faculdade de Educação da Unicamp por possibilitar para nós alunos que esse ano acontecesse.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo aos meus pais, por toda uma vida de dedicação, amor e força. Vocês nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui e sempre me permitiram seguir meus sonhos.

Obrigada mãe por garantir que minha infância fosse cheia de fantasia, cheia de alegrias e de muitos aprendizados. Obrigada por me deixar escolher meu caminho, e por ficar do meu lado em todas as dificuldades. Hoje eu vejo todos os sacrifícios que você precisou fazer para que eu chegasse até aqui, e sou muito grata a você. Obrigada por me deixar crescer, e abrir as asas, e mais ainda por me acolher quando o caminho é difícil e por atender todas as minhas ligações tarde da noite para matar as saudades e falar da vida, vida que você me deu.

Obrigada pai por sempre poder me atender, por tanta preocupação, tanto cuidado, tanto amor e tanta cumplicidade. Obrigada por cada luz que você acendeu para iluminar meu caminho, e por cada noite em que você ia me buscar na faculdade, ou me esperava acordado, mesmo depois de um dia longo de trabalho. Obrigada por tantas vezes que mudou seus planos para que eu pudesse cumprir as minhas obrigações da faculdade. Obrigada por tantas experiências e aventuras ao seu lado. Você me permitiu crescer sem medos, e pronta para os desafios, e sempre que eles foram difíceis demais você estava ali para me ajudar a levantar.

Agradeço também ao meu namorado por todo apoio e paciência que teve comigo ao longo deste ano, especialmente no que se trata da elaboração deste TCC. Obrigada por sempre me lembrar que as coisas iriam dar certo, e pela força que me deu nos momentos mais difíceis. Foi um ano cheio de obstáculos, mas você ficou do meu lado em cada um deles. Com certeza o caminho foi muito melhor com você ao meu lado.

Um muito obrigada mega especial para as amigas que a FE me deu: Julha e Gabi pelo companheirismo e parceria, mesmo depois de formadas foram tão presentes nesta última etapa e não falharam em nenhum momento em que precisei de ajuda, ou de opiniões neste trabalho. Sem vocês não tem graça.

Um mega agradecimento à minha orientadora Nana, por abraçar meu tema e me mostrar um lado da escrita que eu havia me esquecido já há algum tempo. Agradeço pela paciência comigo e pela a oportunidade de trabalhar com

você e todos os aprendizados que construímos juntas. Realizar este trabalho foi, apesar do cenário em que vivemos, uma das coisas que mais gostei da graduação, juntamente com a oportunidade de ter sido sua aluna na disciplina de Educação, Corpo e Arte.

E, finalmente, a Deus, por ter garantido essas pessoas tão especiais ao meu lado, e por ter me feito forte e determinada.

“A natureza deseja que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se tentarmos inverter a ordem, produziremos frutos precoces, que não terão nem maturação, nem sabor, e logo estarão estragados.”
(ROUSSEAU, 1995, p. 75)

RESUMO

Este trabalho foi escrito num formato de narrativa, composta por minhas próprias memórias de vida, da infância e da formação acadêmica. A partir das histórias narradas, eu busquei compreender a importância dos jogos dramáticos e do faz de conta na educação infantil, bem como de que maneira eles podem propiciar aprendizados e experiências significativas para as crianças. Com o objetivo de alcançar um melhor entendimento sobre o tema, dividi meu trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo, eu apresento como a arte e o teatro estão presentes em algumas legislações educacionais e, em seguida, embasada em uma pesquisa bibliográfica, discuto de que forma a presença do teatro e dos jogos dramáticos na educação infantil podem auxiliar no aprendizado e desenvolvimento das crianças. No segundo capítulo, apresento reflexões a respeito dos processos de imaginação e criação na infância a partir das ideias de Lev Vigotski em diálogo com Peter Slade. Tendo compreendido estes processos, busco aproximá-los especificamente com a educação infantil e entender como as crianças, nessa etapa da educação, experimentam os jogos dramáticos. Tecendo este texto por meio dos conceitos estudados e das minhas próprias experiências vividas ao longo da vida, busco aproximações com a professora que pretendo ser. Finalizo este trabalho salientando a importância do teatro na educação infantil e reafirmando que os jogos dramáticos, por meio das experimentações de personagens e fantasias do faz de conta, precisam ter um espaço de destaque nessa primeira etapa da educação, pois podem permitir às crianças um exercício constante de conhecimento de si mesmas, do outro e do mundo em que estão inseridas.

Palavras-chave: Educação infantil. Jogos dramáticos. Faz de conta. Imaginação. Criação.

ABSTRACT

This term paper has been written in a narrative format, composed by my own memories of life, childhood and academic formation. Starting from the narrated stories, I've sought to understand the importance of dramatic games and make-believe in early childhood education, as well as how it can provide meaningful learning and experiences for children. Seeking to achieve a better understanding about the subject, I divided the work in two chapters. In the first chapter, I present how art and theater are present in some educational legislations, and then based in a bibliographic research I discuss how the presence of theater and dramatic games in early childhood education can assist in children's learning and development. In the second chapter I present reflections about the process of imagination and creation in childhood from Lev Vigotski ideas, dialoguing with Peter Slade. Having understood these processes, I seek to approach them, specifically, with early childhood education and understand how children during this stage of education experiment dramatic games. Weaving this text through the studied concepts and my own experiences lived during life I seek to approach with the teacher I intend to be. I conclude this work by stressing the importance of theater during early childhood education and reaffirming that the dramatic games, through the experimentation of characters and make-believe fantasies need to have a prominent place in this first stage of education, as they can allow children to exercise constant knowledge of themselves, of the other and of the world in which they are inserted.

Key-words: Early Childhood Education. Dramatic Games. Make-Believe. Imagination. Creation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Curva de desenvolvimento da imaginação.....	38
----------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FE - Faculdade de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SNT - Serviço Nacional de Teatr

SUMÁRIO

Introdução – As origens da inspiração	13
Capítulo 1 – O teatro na educação	19
1.1 Afinal, o que se pretende nas leis?	19
1.2 Reflexões sobre o teatro na educação infantil	25
Capítulo 2 – Faz de conta, criação e os jogos dramáticos na infância	34
2.1 Vigotski nos jardins encantados	34
2.2 Em busca das perguntas	43
Considerações finais - Final: o ponto de início do que está por vir	52
Fechamento	56
Referências	58

INTRODUÇÃO:

As origens da inspiração

“A alegria não chega apenas no encontro do
Achado, mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não podem dar-se
fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”
(FREIRE, 1996, p. 72)

Se eu olhar para trás na minha história, consigo ver os momentos da minha infância que me trouxeram até aqui e me guiaram no processo de escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Consigo ver os caminhos que escolhi e aqueles que deixei para trás.

Nasci filha de atriz e sempre tive uma enorme paixão pelo teatro, e não demorou muito para que eu adentrasse nesse mundo. Desde cedo, frequentei aulas, e participei de peças, e ali era o lugar em que eu me sentia mais eu e mais livre.

Por um tempo o teatro foi a fuga, eu achava que era só a diversão, e que não poderia ser usado para nada mais do que o mais puro entretenimento. Até aquele dia. Eu me lembro perfeitamente, com todas as cores e sons, daquele momento. Eu estava na segunda série, tinha 09 anos, estudava na Escola Curumim (em Campinas/SP), o nome da professora era Vaniza Ghidotti, e eu havia chegado ali há pouco tempo e ainda estava me habituando ao novo. Quando ela disse: *Para apresentar esse trabalho o grupo pode escolher o jeito que quiser (texto, cartaz, desenho, teatro...)*, eu tive a certeza de que estava no lugar certo.

Curioso foi que eu tive de perguntar para ela algumas vezes se havia escutado certo, se eu podia mesmo criar um teatro para apresentar meu projeto em grupo, isso soava tão fantasioso, que minha “ficha demorou para cair”. Quando eu entendi que o teatro poderia ser muito mais do que aquilo que eu já conhecia, meus horizontes se ampliaram muito: entendi que a arte podia ensinar e podia construir. Dentre tantos, eu acho que esse foi um dos maiores presentes que a Escola Curumim poderia ter me dado: a visão de que a arte vai muito além, e não só isso, mas que aquela construção, aquele trabalho de criar, transformar, pensar ia muito além da diversão, entender que a arte é trabalho, esforço e dedicação. Aquilo foi um marco na minha vida.

E dali para frente, em todos os trabalhos de criação livre, vocês podem ter certeza de que minha mão iria estar sempre levantada, pronta para perguntar: *pode fazer teatro?* Meus colegas quase já não aguentavam mais, aquela paixão não era tão grande da parte dos outros, tive de aprender a flexibilidade de que nem sempre o trabalho seria daquele jeito que eu gostaria e de que nem sempre iria dar certo como o pensado/planejado/ensaiado, e que eu teria de aprender a lidar com a frustração daquele pequeno fracasso para poder então, crescer com ele.

Eu já tinha feito algumas aulas de teatro antes, mas, quando essa paixão começou a crescer ainda mais, tive a chance de começar a fazer aulas de teatro no período integral da escola. As aulas envolviam ensaios e leituras de textos que viravam uma pequena peça no fim do período letivo. Mais para frente, perto dos meus 14/15 anos, o teatro deixou de ser somente essas pequenas produções em grupo, quando comecei a frequentar as aulas do Grupo de Teatro Téspis (em Campinas/SP). Desde então passou a ser realmente algo sério e descobri que o que eu mais gostava naquela vivência era toda a preparação. Meu amor era pelo processo e, principalmente, por aquela primeira parte das aulas: de jogos, de improviso, da sensação de liberdade. Foi nesse momento que comecei a dizer que queria fazer faculdade de artes cênicas, e essa era uma ideia tão fixa que ninguém tirava de mim.

E a parte mais interessante era ver a surpresa das pessoas quando eu contava que eu não queria fazer cênicas para ser atriz e sim para dar aulas de teatro, para ser professora de teatro.

Esse foi meu plano por um bom tempo e, enquanto isso, eu tive de começar a trabalhar. Trabalhei como babá e também em buffet. Essas pequenas oportunidades foram me mostrando o quanto eu adorava trabalhar com crianças e o quanto aquilo me fazia feliz. Essas experiências foram moldando meus planos e só ser professora de teatro não bastava mais, tinha de ser professora de teatro para crianças, levar para elas aquilo que eu sentia dentro de mim quando era criança (e continuo sentindo).

Imaginem a minha decepção quando eu descobri que a universidade dos meus sonhos e planos de adolescente, a Unicamp, não oferecia a opção de

licenciatura no curso de artes cênicas.¹ Foi uma grande decepção, e depois disso eu fiquei completamente perdida, e sem saber qual rumo eu iria dar para minha vida, o que eu ia fazer quando eu terminasse o ensino médio.

Naquela época, eu fazia médio integrado ao técnico de administração na ETEC Bento Quirino (em Campinas/SP). Eu gostava bastante do curso, então comecei a pensar em áreas ligadas a isso. Fui estudando e todas elas tinham algo em comum: um trabalho sentado atrás de um computador e em sua grande maioria um trabalho individual. Aquilo não era pra mim.

Um dia, conversando com a mãe das crianças que eu cuidava, falei para ela dessa minha angústia e ela, que era professora, me disse: *nunca passou pela sua cabeça fazer pedagogia? Você tem tanto jeito com crianças e parece gostar tanto, talvez fosse esse seu caminho.* Então comecei a pensar, e estudar o que seria ser pedagoga, e quais seriam minhas possíveis áreas de atuação. E, de repente, tudo se ligou. Eu poderia unir as duas coisas que me faziam brilhar os olhos: o teatro, os jogos dramáticos e trabalhar com crianças. Eu poderia ser para outras crianças o que a Vaniza e muitas outras professoras foram para mim. No entanto, é importante reconhecermos que a docência é uma profissão e não basta gostar de crianças para ser professora já que a docência não é apenas a afeição pelos pequenos, que muito se acredita que qualquer mulher tem; nem tampouco essa última afirmação é verdadeira. Não que o afeto não seja importante, ele tem sim um papel fundamental na educação, mas existe muito mais que deve ser levado em conta. Paulo Freire traz essa discussão em seu livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (FREIRE, 1997), discursando sobre o comum fato de chamar as professoras de tias, diminuindo a importância da profissão docente.

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação das conceições para a alegria na escola. (FREIRE, 1997, p. 9)

E assim, em menos de uma semana eu consegui tomar minha decisão e foi algo tão certo que nunca mais nenhuma outra ideia passou pela minha cabeça.

¹ Em 2019, foi aprovado no Conselho Universitário da Unicamp a criação do curso de Licenciatura em Artes Cênicas. O curso teria início no ano de 2021, mas, devido à pandemia do corona vírus, a previsão passou a ser em 2022.

No momento em que fui aprovada no vestibular da Unicamp, para cursar pedagogia na Faculdade de Educação (FE), eu imaginei que o caminho já estava trilhado. Mas como todos devem saber, faculdade não é exatamente aquilo que pensamos. Eu fui me afastando dos meus sonhos, e aquele curso foi, aos poucos, deixando de fazer tanto sentido.

Sempre fui uma pessoa da prática, do fazer, da atividade, e a faculdade, bem, é da teoria, das muitas e muitas horas sentadas, vendo professores palestrarem suas disciplinas enquanto nós alunos assistíamos calados. Será que o professorado era aquilo? Eu estava fadada a viver aquela educação tradicional? Foram tantas vezes que pensei em desistir, em mudar... Para não tomar nenhuma atitude precipitada, decidi tirar um ano para mim, tranquei a faculdade e fui ser *Au Pair*,² do outro lado do mundo. Fiquei um ano longe de tudo aquilo para que eu pudesse ver de fora e com mais clareza, se continuar no curso de pedagogia era mesmo o que eu queria. Essa pausa só me fez ter certeza de que eu precisava trabalhar com crianças, aquilo fazia parte da essência do meu ser, então eu precisaria aguentar firme a graduação para poder fazer diferente quando fosse a minha vez.

Voltei para a faculdade depois de um ano, e foi penoso ver os professores criticando o sistema tradicional de educação enquanto não tentavam fazer nada de diferente em suas práticas. Até conhecer a disciplina EP 158 – “Educação, corpo e arte”, que foi ministrada pela professora Eliana Ayoub (orientadora deste TCC) e pela Michelle Guidi Gargantini Presta (doutoranda).³ Foram quatro anos de graduação para ter uma disciplina que era tudo que eu sonhava sobre educação. Aquela disciplina foi um barco salva-vidas para mim. Mostrou-me que é possível sim fazer diferente, pensar diferente, e aprender fazendo, arriscando e criando.

O momento mais significativo da disciplina foi quando recebemos a visita da Cibele Lucas de Faria (a Ciba), uma professora que nos contou sobre suas práticas e seu “clubinho”. Em suas narrativas, ela descreveu tudo aquilo que eu sonhava para minha prática. Eu estava diante de uma senhora, já com certa idade, que trabalha da forma como eu espero poder trabalhar e me espelhar um dia. Aquilo

² Intercambista, normalmente mulher, que muda para outro país para morar com uma família para cuidar das crianças.

³ A Michelle Presta, orientanda de doutorado da professora Eliana Ayoub, atuou na disciplina como estagiária do Programa de Estágio Docente (PED) da Unicamp.

me mostrou que não somos a maioria, mas estamos espalhadas por aí. Ciba falava do aprender brincando, e da importância da brincadeira e das fantasias infantis. No livro “Memórias de Cibele”, de Kondratiuk e Neira (2013), no qual os autores que foram tocados pela trajetória dela, por meio de entrevistas escreveram um livro sobre sua atuação como professora, que destaca-se por ter em sua prática vivências corporais, criação, brincadeiras e liberdade, a Ciba fala o seguinte:

O clubinho é isso, eles brincam [...] eu digo que uma coisa muito simples, não tem sofisticação, é muito simples trabalhar com uma criança, mas é muito difícil para você chegar nessa simplicidade. Você tem que pensar muito. (KONDRATIUK; NEIRA, 2013, p. 152)

Fazer aquela disciplina abriu meus olhos. Eu poderia sim terminar minha graduação em pedagogia. Existiriam caminhos para fazer diferente e para incluir aquilo que significava tanto para mim nas minhas práticas como pedagoga. E assim, como uma luz que se acendeu, tive a ideia de pesquisar o tema “jogos dramáticos e faz de conta na educação infantil”. Não me lembro exatamente como, mas foi durante umas das aulas, quando discutíamos sobre os jogos, que me veio essa inspiração. E virou quase que uma ideia fixa. Muito mais do que isso, espero que este estudo possa guiar esse momento de finalização do meu processo de formação e trazer mais conhecimentos para eu possa ensinar meus futuros alunos com a mesma leveza com a qual aprendi.

Dessa forma, o ponto inicial do meu processo foi entender que, apesar de não ser um assunto muito abordado durante a graduação, existem autores que refletem acerca da importância da arte e da criação na infância. Existem autores que compartilham da mesma paixão que eu tenho pelo imaginário e pelo mundo de faz de conta infantil e que defendem o seu valor e o seu poder no processo de desenvolvimento da criança. Existem autores que enfatizam a importância de a criança estar inserida num ambiente onde ela tenha liberdade para inventar e expressar suas criações e brincar com elas, assim como com as de outras crianças que estão ali.

Portanto, decidimos realizar um estudo bibliográfico sobre o assunto. A escolha por seguir uma perspectiva bibliográfica de pesquisa me pareceu de início um pouco maçante e afastada de tudo o que eu buscava: afinal, meu coração pulsava pela prática, pelos jogos e pelo criar. No entanto, eu me dei conta de que seria de muito valor para a minha atuação docente este aprofundamento no tema,

e estudá-lo com muito cuidado me traria conhecimentos muito significativos e importantes. E apesar das dificuldades iniciais que encontrei para engatar nas leituras, os pontinhos começaram a se ligar, especialmente quando eu encontrei na dissertação de mestrado de ninguém mais ninguém menos que minha mãe (MEYER, 2002), reflexões que me auxiliavam a encontrar sentido nas outras leituras que eu fazia. Foi quando vi que o pulsar pelo criar dramático vinha de antes de mim...

Minhas leituras me trouxeram a consciência de que, de acordo com as legislações e com as teorias dos autores que eu vinha estudando, o teatro e os jogos dramáticos deveriam estar mais presentes e fazer parte mais ativa do dia-a-dia das escolas, quando na verdade, isso está bem longe de ser realidade, e que essa distância já é algo naturalizado. Com esse novo olhar, compreendo a falta que isso faz no desenvolvimento das crianças, e o quão é importante para a infância a presença do corpo em seu modo de expressão, da voz, do som, do movimento. Ler e entender tudo isso, significa para eu já projetar e sonhar com as práticas que eu quero ter e levar comigo na minha futura docência.

Desse modo, este TCC está organizado em dois capítulos. No primeiro eu abordo as relações entre teatro e educação, considerando os pressupostos da legislação brasileira e, igualmente, a importância dos jogos dramáticos na educação infantil. Já no segundo capítulo, apresento reflexões a respeito do faz de conta, da criação na infância e dos jogos dramáticos, com base nos estudos de Lev. Vigotski e Peter Slade. Por fim, nas considerações finais, retomando o que foi trabalhado ao longo do desenvolvimento desta escrita, apresento mais algumas reflexões acerca da importância dos jogos dramáticos na educação infantil.

CAPÍTULO 1

O TEATRO NA EDUCAÇÃO

“Ninguém nasce feito: é experimentando-nos
no mundo que nós nos fazemos”
(FREIRE, 2001, p. 40)

1.1 Afinal, o que se pretende nas leis?

Bom, inicie um ano, com o plano de realizar sua pesquisa, e determine suas leituras, vasculhe a biblioteca, procure autores, títulos, temas, e com isso tenha a paz de espírito que vai dar tudo certo. Pegue alguns livros e comece a escanear, e fazer breves anotações, e a partir delas busque mais títulos, e mais referências. Devolva os primeiros livros com alguns dias de atraso, como qualquer boa estudante universitária que só não esquece a cabeça pois está grudada. Crie todo um planejamento, com datas e metas a se cumprir. Inicie seu texto, escreva sobre aquilo que está no seu ser, guiando seu processo de pesquisa, aquilo que vai definir o que você quer ser quando chegar sua vez de lecionar. E então, só depois disso, numa quinta-feira qualquer, receba a notícia que estava chegando devagar, no site da Unicamp:⁴ “O GT COVID-19 resolve que: 1. as aulas presenciais permanecem suspensas, estando esta medida sujeita a reavaliação periódica”.

Então, o que a princípio parecia uma medida que teria fim em algumas semanas se tornou numa quarentena que parece não ter fim, e que tirou dos eixos todo e qualquer planejamento que havia sido feito antes.

Com isso, encontrei-me meio perdida quanto ao desenvolvimento desta pesquisa, sem saber ao certo por onde começar minhas buscas, e para qual lado seguir. Procurei em diversos livros, busquei autores e dissertações que se relacionassem ao tema que eu estou buscando respostas, mas nenhum desses caminhos me pareceu certo o bastante para que eu pudesse, de fato, dar início à minha própria pesquisa e chegar às minhas respostas e conclusões. E era uma luta diária, de tentar começar e não achar o caminho e culpar nosso cenário atual e a quarentena, colocar a culpa na biblioteca fechada, e continuar parada no mesmo lugar, enfrentando as aulas on-line, e os trabalhos à distância.

⁴ <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/03/13/comunicado-01-gt-covid-19-13032020>

Até que, em uma dessas aulas, EP162 – “Educação e Currículo”, começamos a trabalhar com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por ser um documento muito extenso, busquei videoaulas na internet para conseguir me aprofundar um pouco mais. Em uma dessas aulas, o professor falou sobre a busca de palavras e como ela pode auxiliar o estudo da BNCC, uma ferramenta, um comando que eu já utilizava bastante em outras ocasiões mas que não me ocorreu antes, que poderia ser usado para talvez criar esse caminho que eu buscava. Estava com a BNCC aberta, e comecei a pesquisar coisas que estão muito presentes nas pautas atuais da educação, como tecnologia, cultura negra e indígena, educação sexual, e então tive a ideia de fazer uma busca por “teatro”: CTRL+F, teatro, ENTER.

O indicador me mostrou 45 vezes em que a palavra apareceu no texto, mas isso ainda não era o bastante, eu precisava ser mais específica, voltei até o sumário do documento e identifiquei em quais páginas a BNCC tratava sobre a educação infantil, e refiz minha busca. Um documento de 600 páginas, no qual apenas 18 tratam da educação infantil. Nessas 18 páginas, a palavra teatro apareceu 4 vezes. E então me ocorreu, que eu precisava estender essa busca; a educação infantil é muito mais do que aquilo que aparecia na BNCC, existem diversos documentos legais para regulamentar a educação infantil, e eu precisava buscar neles também. A partir disso, determinei quais seriam meus marcadores de busca e em quais documentos.

Por indicação da minha orientadora, busquei em meus cadernos e anotações antigas de aulas, e disciplinas que já havia cursado, bem como nas plataformas digitais onde estavam salvos, todas as bibliografias usadas pelos professores nessas mesmas disciplinas, indicações bibliográficas que poderiam me auxiliar nesse caminho de pesquisa. Dentre elas, cheguei em nove documentos que julguei mais importantes: Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996); Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990); Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN (BRASIL, 2013); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998); Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997); Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006); e

Crêterios para um Atendimento em Creche que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (BRASIL, 2009). Escolhi os seguintes descritores como meus marcadores de busca: teatro, faz de conta, imagina o e fantasia. E mantive minha objetividade para buscas apenas a respeito da educa o infantil nos documentos que tratam de toda a educa o básica. E com isso obtive os seguintes resultados: a palavra teatro aparece 14 vezes, faz de conta 23 vezes, fantasia 10 vezes e imagina o 27 vezes. Isso levando em conta todos os documentos citados anteriormente.

A escolha dos marcadores foi feita de acordo com os descritores de busca que haviam sido previamente estabelecidos para minha pesquisa, em diálogo com os referenciais teóricos estudados, especialmente as leituras a respeito dos jogos dramáticos: uma modalidade do teatro e a forma como eu entendo que o teatro se relacione com as crianças na educa o infantil, com os jogos de faz de conta, fantasia e cria es do imaginário.

O teatro foi considerado como uma linguagem artística em 11 de agosto de 1971 com a cria o da LDB n  5.692. A partir de 1996, na LDB n  9.394, a arte se tornou componente curricular obrigatório da educa o básica, ou seja, uma disciplina, da qual o teatro deve fazer parte. Quando falamos da presença de uma disciplina na escola entende-se que, não são devem estar presentes estudos sobre ela, e aquilo que a compõe, como também a prática e a experimenta o. No entanto, isso não necessariamente significa que o teatro estará, de fato, presente no ambiente escolar.

Se considerarmos a LDB como a principal lei da educa o brasileira e que todos os outros documentos, sejam eles os citados acima, ou documentos estaduais, municipais ou qualquer outro, todos precisam estar em conformidade com a LDB, pois   ela que orienta a educa o no nosso país. Desde que a presença das artes se fez obrigatória no país, também se estabeleceu, contraditoriamente, a exigência de “professores com habilita es específicas obtidas em curso de gradua o de licenciatura plena, mas ignorou a inexistência de cursos universitários para a forma o dos mesmos” (CAVASSIN, 2008, p. 45). Porém, naquele cenário, ainda não existiam cursos nesse formato, e os que foram criados para suprir essas demandas do mercado que fora aberto pela lei, não tinham como oferecer uma forma o sólida, de modo que os cursos não tinham bases conceituais suficientes.

Dessa forma, os professores não dispunham em sua formação de um amplo conhecimento de todas as linguagens artísticas, como afirma Cavassin (2008).

E mesmo que a LDB nº 9.394/96 indique que o trabalho no campo da arte envolva artes visuais, música, dança e teatro, são pouquíssimas as escolas que possuem docentes com uma formação que possa abranger todas essas linguagens.

Por conta destas questões, foi criada a lei nº 13.278/16, que alterou a LDB nº 9.394/96 e estabelece no Art. 26, §6º que “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” ; de forma qual o § 2º estabelece que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”.

Em relação ao teatro, e de tudo aquilo que se pode relacionar com teatro, pouquíssima coisa se acha nos documentos e legislações. Atualmente, quando olhamos para as escolas, vemos com mais frequência aulas de artes nas quais estão mais presentes atividades relacionadas a artes plásticas e manuais, e uma pequena parcela das escolas que também oferece aulas de música. A dança acaba ficando restrita às aulas de educação física, nas quais são elaboradas danças em ocasiões festivas.

De acordo com a BNCC, no que diz respeito à educação infantil, o teatro é uma forma de criação prevista para crianças de quatro a aproximadamente seis anos, como forma de expressão do corpo, sentimentos e sensações, e não aparece em nenhum momento para as crianças mais novas. Em cada uma de suas quatro aparições na BNCC é numa forma de listagem, apresentando o teatro como algo que deve fazer parte da educação infantil, porém sem trazer nenhum aprofundamento de como, ou em quais situações, circunstâncias, ele deve/pode estar presente.

Ao longo da vida, tive contato com informações de diversas escolas, em discussões na faculdade, em estágios, relatos de colegas, notícias, e nunca tive contato com uma escola pública que oferecesse aulas de teatro ou que tivesse professores aptos para trabalhar com teatro. Sendo assim, entendo que seja a linguagem artística menos explorada dentro das escolas e dentro das salas de aula, como também pude constatar em minhas leituras.

Ao fazer o levantamento nos documentos citados, observei que todas as vezes que o teatro foi mencionado ou foi numa listagem de experiências com atividades artísticas “música, dança e teatro”, de uma forma bem superficial, ou foi dizendo sobre o contato com a cultura por meio de passeios para assistir uma peça de teatro. Por diversas vezes, é um teatro com um teor de informação pedagógica e carregado de “lições de moral”, desvalorizando o teatro como arte, e utilizando-o apenas como meio de comunicação de um determinado conteúdo, conforme menciona Arcoverde (2008).

Fora isso, nas escolas de educação infantil, frequentemente, o trabalho a ser feito com as linguagens artísticas fica a cargo das pedagogas, ou como são mais conhecidas, das professoras “de sala”, que na grande maioria das vezes não tiveram, em sua formação, muito contato ou preparo para trabalhar essas linguagens. As escolas públicas de educação infantil, em sua grande maioria não contam com a presença de professores especialistas de nenhuma linguagem artística, ficando com todo o trabalho nas mãos das professoras polivalentes. De acordo com Ayoub (2001), a discussão sobre a presença de especialistas na educação infantil é extremamente complexa e deve levar em conta: “hierarquizações presentes entre os(as) profissionais da educação, as quais geram disputas por espaços político-pedagógicos e, de outro, os riscos de uma abordagem fragmentária de conhecimento que tende a compartimentar a criança” (AYOUB, 2001, p. 55).

Santana (2014) afirma que a capacitação de pedagogos para trabalhar com as linguagens artísticas é uma tarefa muito complexa, levando em consideração o pouco tempo e recursos nela investido.

Na prática, os PCNs assumiram o caráter de currículo nacional, e o mais grave é que, no caso das artes, relacionaram as artes visuais, a dança, a música e o teatro como linguagens ou modalidades, contudo sem estabelecer critérios nem estratégias pedagógicas que regulamentassem o desenvolvimento do ensino em termos de carga horária, responsabilidade docente, especialização etc. (SANTANA, 2014, p. 3)

Existe uma deficiência muito grande da arte no currículo dos cursos de pedagogia que formam professoras/es para dar aula da educação infantil até o 5º ano do fundamental. Em sua pesquisa, Dubois (2019) fez um levantamento das disciplinas que têm esse enfoque dentro das principais universidades públicas:

Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por exemplo, existe apenas uma disciplina voltada para o contato com as artes: a EP158- Educação, Corpo e Arte, sendo que o enfoque acaba sendo maior nas artes corporais (dança e teatro); além de que o tempo de duração dessa disciplina é de apenas um semestre (4 meses) com aulas semanais de 4h. (...) na UNESP de Araraquara não há nenhuma disciplina voltada para as Artes; na UNESP de Bauru, existe a disciplina “Arte na Educação Infantil” com uma carga de 68h, porém o enfoque é nas artes visuais; na USP de Ribeirão Preto existe a disciplina “Arte e Música na Educação: Fundamentos e Práticas” com carga horária de 60h a qual propõe vivências culturais e aborda a Arte de uma perspectiva geral, porém o enfoque é maior para a música e aspectos legislativos relacionados à arte. Sendo assim, considerando as universidades citadas, alguma disciplina relacionada à arte está presente em seus currículos de Pedagogia de uma forma geral, porém com uma carga horária que impossibilita o aprofundamento das quatro linguagens artísticas, restringindo a uma ou algumas em específico. (DUBOIS, 2019, p. 15)

É perceptível a ausência da arte no processo de formação de pedagogos. Entretanto, espera-se de nós, pedagogas, que a arte faça parte da nossa docência. E apesar do meu olhar estar voltado para o teatro, reconheço a importância de todas as linguagens artísticas, e do valor que elas têm dentro das escolas e na educação infantil. O teatro apresenta-se como uma linguagem privilegiada para fundamentação artística, vendo que, sua linguagem pode incorporar diversas linguagens artísticas:

a literatura, a música, a pintura, a dança, o canto, a mímica, a narrativa. Pode-se dizer que o teatro conecta as crianças com o mundo das artes, abrindo as portas da sensibilidade estética, da reflexão, da capacidade de emocionar-se, de rir, de chorar e de compreender diferentes visões da vida e do mundo. (SORMANI, 2004 apud SOUZA, 2016, p. 7)

Em 1996, quando foi definida a obrigatoriedade do ensino artístico nas escolas, o Serviço Nacional de Teatro (SNT), objetivando melhorar a situação, resolveu contratar alguns especialistas em teatro na educação para oferecer, em parceria com as Secretarias de Educação de alguns estados, alguns cursos intensivos para professores. Esses cursos tinham o intuito de oferecer uma base para o trabalho com o teatro na sala de aula de modo que não se resumisse à ideia

equivocada, do senso comum, de produção de “pecinhas” com as crianças ou a organização de “festinhas” para comemorar datas festivas (SLADE, 1978 p. 9).⁵

E quanto ao teatro, este pode ser trabalhado de várias formas dentro das escolas, mas quatro são as principais: como prática artística específica; a apreciação de uma peça para o puro deleite da arte; peças educativas (que tenham sido escritas especificamente para ensinar um determinado conteúdo); ou como recurso metodológico para trabalhar outras disciplinas. Ao apresentar essa ideia, Meyer (2002) também afirma que quando trazemos a prática e a experiência dessa linguagem para a docência auxiliamos a criança não só em seu desenvolvimento, mas também a entrar em contato com seus sentidos, sentimentos e pensamentos no processo de autoconhecimento. Não obstante, quando usado como ferramenta metodológica ainda tem uma função lúdica de motivação, tornando as aulas mais dinâmicas e integrando a prática à aprendizagem (MEYER, 2002, p. 27). É importante trazer aqui a riqueza do teatro como linguagem artística, e não como uma ferramenta para outras atividades e conteúdos. O teatro em si é uma linguagem artística a ser estudada na escola, muito enriquecedora e devemos dar ao teatro o reconhecimento necessário.

Mesmo que as pretensões legais não sejam efetivadas no cotidiano das escolas, considero necessário e urgente pensarmos no papel dos jogos dramáticos na educação infantil e de que forma eles podem transformar as vivências e as relações ali estabelecidas entre as crianças e com os professores. Com isso em mente, trarei no próximo tópico estas reflexões e quais são alguns dos aprendizados que podem ser alcançados com a vivência do teatro.

1.2 Reflexões sobre o teatro na educação infantil

Desde o início, penso que de todas as inquietações que serviram de combustível para que eu escolhesse o tema da minha pesquisa, a principal foi ter muito certo dentro de mim que não só para prazer e lazer o teatro tinha serventia, mas que o teatro como um todo (tanto o produzir, como o assistir, o processo e o resultado final) e com todas as suas linguagens (visual, verbal, musical, emocional)

⁵ Essas considerações foram feitas por Roberto de Cleto na apresentação da edição brasileira do livro de Peter Slade (1978).

traziam muitos aprendizados às pessoas. Essa era uma das minhas intuições e no decorrer dessa minha trajetória busquei por autores que compartilhassem dessa minha visão e que de algum modo pudessem me dizer o porquê desses benefícios.

E é como dizem, “um fruto não cai muito longe do pé”, talvez tenha sido gravado na minha memória dos tempos em que fui uma filha-aluna da FE, talvez seja algo que me orienta desde aqueles tempos que serão narrados mais adiante. Dentre todas as minhas fontes de busca, a primeira a sinalizar qualquer tipo de direção para me responder a essa inquietação foi minha mãe, Ana Maria Meyer, em sua dissertação de mestrado de 18 anos atrás, intitulada “O teatro como um recurso psicopedagógico para a criança na escola” (MEYER, 2002). Para mim, é perceptível de que muito do que eu trago para minha pesquisa tem a ver com ela, e com tudo que ela me apresentou ao longo da minha vida, as coisas que ela me ensinou e dividiu comigo, mas sempre com muito espaço e liberdade para que eu construísse minhas próprias suposições, e abrisse o caminho para aquilo que tivesse mais haver comigo.

Como disse anteriormente, a leitura da dissertação dela foi o que me ajudou a dar, de fato, o ponta pé inicial para a minha pesquisa. Lembro-me quando decidi meu tema e procurei a professora Eliana Ayoub (Nana) para ser minha orientadora. Quando tudo estava oficializado, eu fui contar para minha mãe, estávamos no carro, indo para a casa dela, e eu disse que já tinha uma orientadora e um tema. Naquele momento, ela se interessou por saber qual seria ele. Foi quando eu disse: *Jogos dramáticos e o faz de conta na educação infantil*. E ela riu, riu de verdade, gargalhou no carro, e eu fiquei sem entender absolutamente nada, qual era a graça daquilo? Ela sorriu, olhou para mim e disse *Filha de peixa, peixinha é!* Quando estacionamos o carro em frente à garagem, ela entrou e foi direto para a estante de livros, deu uma escaneada rápida, puxou sua dissertação, e me falou para começar minhas leituras.

Ver a proximidade do meu tema com o dela foi algo muito significativo para mim e, em minha reunião com a Nana, quando contei para ela esse caso curioso, pude ver que aquilo trouxe ainda mais encantamento para meu tema, e serviu de combustível para me animar ainda mais, pois sempre tive minha mãe como um grande exemplo a seguir e perceber que, mesmo sem saber, estava seguindo seus passos, me deixou mais segura quanto ao caminho a ser trilhado.

Apesar do olhar ser diferente, nós duas compartilhamos de uma mesma inquietação. Que é de compreender o que o teatro é capaz de fazer no desenvolvimento das crianças, o que ele acrescenta e como ele pode auxiliar. E ficou bem evidente que assim como nós, isso foi também o olhar de outros/as autores/as (VIGOTSKI, 2009; COELHO, 2014; SLADE, 1978; CAVASSIN, 2008; DUBOIS, 2019; ARCOVERDE, 2008; MACHADO, 2010; REVERBEL, 1989). Estes/as autores/as buscaram compreender e estudar quais são esses benefícios e como eles podem auxiliar as crianças em seu desenvolvimento. Compartilham, ainda, da visão de que a forma como o teatro é proposto atualmente nas escolas, geralmente para apresentações em “festinhas” e dirigido somente pelos professores, não tem proporcionado experiências significativas com o teatro como conhecimento artístico, podendo fazer com que as crianças andem na contramão em relação a todos os aprendizados que poderiam ser obtidos com a experiência teatral.

No decorrer de minhas pesquisas, observei que o teatro e os jogos dramáticos podem ser divididos de duas maneiras: teatro pedagógico e teatro-educação, como apresentou Coelho. O teatro pedagógico pode ser uma peça com teor pedagógico para ensinar algo, como também como ferramenta metodológica, como foi supracitado. Aqui, reforço a ideia de que ver o teatro apenas como uma ferramenta é diminuir todo seu potencial e não o valorizar como arte. O teatro-educação é o teatro como arte de fato, usado em sala de aula para a educação, especialmente para a educação do ser, e do descobrir-se:

O mergulho em si mesmo propiciado pelo teatro potencializa as descobertas pessoais de uma forma indireta. No teatro, é por meio do não-ser que se descobre o ser. No fazer teatral, a tolerância se amplia na medida em que o “eu” se coloca no lugar do outro, que sinta suas dores, as alegrias, os sentimentos. (COELHO, 2014, p. 10)

Começo esta discussão com algo que me marcou profundamente, que foi a ruptura de sair da escola Curumim, onde tive o privilégio de estudar grande parte da minha vida e fui para uma escola extremamente tradicional e conteudista. A Curumim é uma escola que vê os alunos por inteiro, capaz de fazer, criar e construir, e nos orienta não só naquilo que se refere a conhecimentos pontuais mas

a olharmos para o mundo, para o outro e para nós.⁶ E a escola para qual fui voltava-se especialmente para o vestibular, eu senti na pele a diferença. Não existia um coletivo, era cada um por si, inclusive os professores, mais preocupados em passar os conteúdos previstos no calendário, sem se preocupar se estava sendo compreendido ou não pelos alunos.

O choque foi grande, e doeu. Era tudo pela competição, e tudo sempre igual. Todos os dias. Prova três vezes por semana. Trabalho em grupo? Não existia. Trabalho interdisciplinar? Nunca nem ouviram falar. E logo eu, a menina do *Vamos fazer um teatro?*, logo eu que fiz maquetes, painéis, móveis e tantas outras coisas, estava lá, me aprofundando em sete disciplinas de exatas, lendo e relendo todas as apostilas, pois nenhum professor tinha paciência para responder minhas questões mais do que uma vez e me encaminhavam para os plantões de dúvidas.

A grande maioria dos outros alunos havia crescido em escolas como esta, e o individual era tudo que eles sabiam, e apesar de o meu olhar ser um só, o que eu mais via lá eram brigas, discussões e amizades se dissolverem por coisas tão bestas e que não tinham espaço para serem resolvidas, que me faz pensar, que em cada uma dessas pessoas faltava um pouco das experiências coletivas e de partilha que eu pude vivenciar na minha trajetória escolar.

Escolas conteudistas, como essa em que estudei, se preocupam muito com o acúmulo de conhecimento de seus alunos, e disputam entre si para ver qual vai ser melhor classificada no fim do período com os resultados dos vestibulares, e isso tem se dado cada vez mais e mais cedo. Hoje, já vemos escolas de educação infantil apostiladas e conteudistas, que valorizam apenas a parcela do conhecimento que diz respeito à escrita e a números e cálculos, fazendo com que as crianças cresçam sem que desenvolvam outros aspectos tão importantes quanto saber fazer um logaritmo.

E tudo que fica em meus pensamentos é: um dia essas crianças vão crescer e vão se deparar com um mundo que exige o coletivo, a compreensão, o diálogo, e quando tudo isso é exigido quem só aprendeu como resolver uma função polinomial de 2º e como escrever uma dissertação argumentativa vai enfrentar um grande obstáculo. Isso foi tema de muitos debates e discussões ao longo da minha

⁶ No livro "Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet", organizado por Gláucia de Melo Ferreira (FERREIRA, 2003), é possível conhecer algumas possibilidades acerca do trabalho que é realizado na Escola Curumim.

graduação, e penso que se na primeira etapa da educação o foco principal não estivesse apenas na “transmissão de conteúdos”, mas no desenvolvimento das crianças e de todas as suas capacidades de uma forma ampla, isso serviria como uma base a ser desenvolvida por toda sua jornada escolar.

Arcoverde (2008) dissertou sobre como a formação da criança é afetada positivamente pela presença do teatro na escola/sala de aula. E como apresento no tópico anterior isso é algo que se pretende pelas legislações da educação:

O teatro na escola, de acordo com os PCNS, tem o intuito de que o aluno desenvolva um maior domínio do corpo, tornando-o expressivo, um melhor desempenho na verbalização, uma melhor capacidade para responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização de domínio de tempo. (ARCOVERDE, 2008, p. 602)

Acredito que a presença do teatro na escola possa trazer muitas contribuições para a formação humana. Em sua tese, Meyer (2002) faz um estudo com crianças de nove a dez anos que participavam do grupo de teatro de uma determinada escola e pediu para que eles ao fim do período respondessem um questionário que perguntava basicamente sobre o impacto do teatro na vida deles. Com as respostas, a autora foi traçando as mudanças positivas que foram indicadas pelos próprios alunos.

Os principais destaques trazidos pelas crianças foram organizados numa tabela por Meyer (2002, p. 65-75), cujos tópicos apresento a seguir: a diminuição da timidez, de forma que elas começaram a se sentir seguras para se expressarem; o aumento da criatividade; maior sentimento de alegria, que as deixou mais motivadas para as atividades; o teor lúdico do teatro proporcionava o prazer e sentimentos de alegria, dessa forma elas sempre se sentiam motivadas a fazer mais; facilidade com a comunicação, juntamente com a diminuição da timidez. Podemos constatar que o uso de fala e linguagem no teatro ajuda as crianças a desenvolverem suas habilidades comunicativas e expressão e, principalmente, o autoconhecimento, a possibilidade de experimentar outros papéis e sentimentos dos personagens, transitar por traços e características diferentes das que já reconhece em si, assim como auxilia no descobrimento e transformação de si mesmo.

Para mim, é evidente que um aluno de dez anos tem mais capacidade de perceber a si mesmo e falar sobre mudanças e sensações causadas por

determinadas situações do que um aluno que está na educação infantil, mas eu acredito que as mesmas mudanças e benefícios possam ser observados nas crianças em idade de educação infantil, bem como possam propiciar um processo de autoconhecimento e de desenvolvimento de si.

Hoje, eu consigo perceber que nos meus primeiros contatos com o teatro, lá atrás, eu desenvolvi aspectos muito importantes para a vida. Todos da minha família contam, como eu falava pelos cotovelos na infância, e como se não bastasse eu falava rápido, muito rápido mesmo. As pessoas não conseguiam me entender, e pediam para eu repetir, uma, duas, três vezes, até que eu ficava cansada e desistia. No teatro, principalmente durante os jogos teatrais, em que a gente não sabe o que vai ser falado a seguir, o falar e se comunicar é muito importante, a pessoa que está jogando precisa entender o que foi dito para poder dar continuidade ao jogo. Eu precisei aprender a respirar fundo e falar as palavras, sílaba por sílaba, com calma, para quem quer que fosse que estivesse ali, contracenando comigo, pudesse compreender o que eu estava dizendo e dar continuidade ao jogo.

Olga Reverbel em seu livro “Um caminho do teatro na escola” (1989) afirma que o lúdico e o jogo são fundamentais para o desenvolvimento da criança, sendo primordiais aos gestos e às falas da criança. A criança joga “sozinha” desde o nascimento, sendo que a partir dos três, quatro anos, passa a interagir de forma mais intensa com seus semelhantes. Nossa educação infantil atende crianças de zero a cinco anos, de modo que, nessa primeira etapa da educação, esses traços do desenvolvimento infantil pelo lúdico devem e precisam estar presentes e terem amplo espaço nas escolas.

As primeiras manifestações de um bebê como o choro ou os gritos são reflexos de sensações como fome, frio, dor, medo. Por entender que essas manifestações são sinais de alguma necessidade, os pais buscam atender a isso imediatamente. É assim que o bebê vai estabelecer sua comunicação com o mundo nos seus primeiros meses de vida. Com o passar do tempo, ele vai conseguir compreender que seu choro vai trazer o alimento, o calor, a presença da mãe e a partir desse entendimento suas expressões passam a ser arbitrárias.

Aos poucos, o choro vai se modificando, ganhando novos sons, os movimentos se ampliam, começa-se a conhecer as palavras, e assim a criança começa a descobrir o mundo. A criança passa a buscar novos caminhos para

expressar aquilo que se passa em seu próprio universo influenciado pelo mundo que a rodeia. Busca por movimentos, gestos, sons, ruídos, garatujas, tudo que estiver ao seu alcance para comunicar-se.

Reverbel (1989) destaca em seu livro que o papel da educação infantil é “entre outros aspectos, a manutenção da atmosfera de um lar na escola, o papel do professor de pré escola é justamente criar, junto com seus alunos uma ponte que os auxilie a passar [...] para as atividades escolares posteriores” (REVERBEL, 1989, p. 140). Durante a faculdade, discutimos isso em absolutamente todas as disciplinas de educação infantil, sobre o cuidado indissociável da educação nessa primeira etapa. E, a partir do momento que meu olhar é voltado, principalmente, para as escolas públicas, isso se faz ainda mais importante, visto que, são nas escolas públicas que ocorre o atendimento das crianças que podem precisar de mais cuidados, visto que essas escolas atendem, geralmente, comunidades menos favorecidas economicamente, muitas vezes com famílias que passam dificuldades, e também crianças que podem estar em situação de risco. Penso que os jogos dramáticos podem ser um meio das crianças comunicarem suas dificuldades e situações que acontecem em casa para as professoras, que, desse modo, podem buscar formas de auxiliar a elas e às suas famílias.

Durante esse período da minha vida, da educação infantil, eu tenho pouquíssimas lembranças da escola, porque sim, já faz muito tempo, mas acredito que também por não ter sido marcante minha experiência. Ainda nessa época, estudava no Instituto Educacional Imaculada (em Campinas/SP), e não me recordo de ter tido muito espaço para imaginar. E só faço essa afirmação, por me lembrar de diversas criações minhas durante essa fase, como vou contar no próximo capítulo.

Onde quero chegar, é que eu me lembro de minhas criações pois tive espaço para criar em casa, porém não me recordo desse espaço na escola. Meus pais eram separados e eu morava com minha mãe, mas isso não afetou negativamente minha infância. Minha mãe tinha três empregos para poder dar conta de todas as despesas, deixava-me na casa da minha avó às seis horas da manhã e me buscava às oito da noite. Minha avó ainda não estava aposentada e me levava com ela para as aulas que ministrava na Unicamp. Mesmo com todas as

dificuldades que hoje eu sei que existiram, eu não posso falar que vim de uma família desestruturada. E eu considero isso um privilégio enorme.

No entanto, eu reconheço que a desestruturação familiar é a realidade de uma parcela muito grande das crianças, e levando isso em conta acredito que a educação infantil precise muito cumprir com o papel de cuidado indissociável da educação para poder proporcionar para as crianças esse espaço seguro onde elas possam criar, inventar, e viver.

Na fase de educação infantil, todos os meios de comunicação se integram nos jogos livres das crianças: movimentos, gestos, dança, palavra, desenho; elas vão usar daquilo que trouxer mais gratificação para se expressar. E é pela expressão que as crianças vão desenvolver principalmente sua forma de se comunicar com o mundo.

É nessa primeira fase da educação que a criança aprende a conviver com o outro, é nesse contexto que a escola introduz a primeira imagem de coletivo/sociedade. Com isso, a presença dos jogos dramáticos na educação infantil é fundamental pois, a partir deles, a criança poderá experimentar papéis diferentes e, desse modo, descobrir a si mesmo, ao outro e as interações que se dão entre as pessoas.

Pois aí incorpora-se ao grupo social, ao mesmo tempo que se diferencia dele. [...] Nesse momento o professor busca atingir um duplo e complexo objetivo: “adaptar” a criança a uma determinada sociedade e propiciar condições para que ela desempenhe seu papel com autonomia nas diferentes situações que enfrentar. (REVERBEL, 1989, p. 19)

De acordo com Vianna e Strazzacappa (2001), o teatro na escola proporciona às crianças um aprendizado humano, em que, por meio das representações, o sujeito seja capaz de expor e confrontar o seu mundo particular com o mundo no qual está inserido. Isso, num contexto de educação infantil, é algo para o desenvolvimento das crianças tendo em vista as relações interpessoais que fazem (e farão) parte de suas vidas.

A presença não só do teatro, assim como das mais diversas linguagens artísticas na educação infantil, favorece um maior desenvolvimento da criatividade. Muitas vezes, a criatividade é analisada somente do ponto de vista artístico, como destacou Reverbel (1989). Porém, a palavra criatividade vem do latim como atividade de criar. E a criação vai muito além da arte, e relaciona-se com o mundo

em quase tudo, na ciência, matemática, história, bem como na solução de problemas afetivos, interpessoais, situações econômicas e políticas.

A criança aprende pelo brincar, pelas suas fantasias e por jogos de faz de conta. E é dessa forma que ela vai entender o mundo. Machado (2010, p. 117) explica que “a criança compartilha o mesmo mundo do adulto: vê, percebe, vive o mundo em sua própria perspectiva, sim, mas nunca ensimesmada ou reclusa em um ‘mundo da criança’: vivemos o mesmo mundo, convivemos no mesmo mundo”. Com isso, ela traz a discussão de que a sua vida, sua história e o lugar em que se vive vão influenciar em suas criações, salientando que o professor precisa abrir espaço para essas criações, sejam elas quais forem.

Como vimos, as leis esperam que o teatro esteja presente na educação infantil, bem como, percebe-se que os jogos dramáticos podem proporcionar significativos aprendizados para as crianças nessa faixa de idade. Entretanto, também é preciso compreender de que forma o faz de conta relaciona-se com suas criações dramáticas e, desse modo, trago no próximo capítulo algumas discussões que buscam esclarecer isso.

CAPÍTULO 2

FAZ DE CONTA, CRIAÇÃO E JOGOS DRAMÁTICOS NA INFÂNCIA

“Há um passado no meu presente
O sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão”
Milton Nascimento
(Música “Bola de meia, bola de gude”
(Disco – Miltons, 1989)

2.1 Vigotski nos jardins encantados

Uma memória bem específica fica rondando minha cabeça todas as vezes que me deparo com a ideia de faz de conta que escolhi trazer para o meu TCC. É uma lembrança que se passa no meu primeiro contato com a Faculdade de Educação da Unicamp no ano 2000. Minha mãe era aluna do mestrado e precisava me levar com ela para as aulas. Isso fez de mim, filha-aluna, desde aquele tempo. Fui aluna da FE muito antes de o ser.

A memória em si se dá no gramado, no jardim da biblioteca, nas portinhas de manutenção que ficam embaixo das escadas do “asterisco”, apelido dado ao prédio, que, visto de cima, parece um asterisco.⁷ Os tempos eram outros, então, a maior parte do tempo eu passava brincando nesses ambientes, enquanto minha mãe estava em aula e me lembro com clareza das fantasias que vivia.

Para mim, o prédio era a torre de um castelo abandonado, que a princesa precisava descobrir e desvendar todos os seus mistérios. O jardim da biblioteca era um jardim encantado, onde habitavam fadas, duendes e criaturas místicas que se escondiam com medo, e eu precisava tentar conquistá-los para poder conversar com eles. As portinhas pequenas embaixo das escadas eram as portas dos calabouços e ótimos esconderijos para quando os *trolls* tomavam conta da torre nos dias de chuva. E o gramado era a melhor parte, era quando a princesa podia correr,

⁷ Hoje, esse prédio leva o nome de Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira foi professor da casa durante 10 anos, de 1981 a 1991. (<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/05/28/paulo-freire-da-nome-ao-predio-principal-da-educacao>)

pular, rolar e até gritar um pouquinho depois de todo o silêncio das aulas e do jardim encantado.

Uma coisa é certa, o faz de conta foi muito presente na minha infância. Acredito que a forma como fui criada tem muito a ver com isso, pelo simples fato deste tema ser algo que despertava, também, o interesse da minha mãe, que o abordou também em seu mestrado. Mas minhas fantasias eram tão vivas, que tenho fortes lembranças até hoje. Com isso, vejo muito sentido em compreender o que é de fato o faz de conta, e tomei como base para os meus estudos, o livro “Imaginação e criação na infância”, de Vigotski (2009), indicado pela minha orientadora.

O faz de conta, nada mais é do que um processo de criação da criança, de usar de elementos com os quais já teve contato, ou ouviu por meio da experiência de outras pessoas e, a partir da mistura desses elementos, criar algo novo. Vigotski (2009) afirma que o que nos torna seres voltados para o futuro é a criação, nosso anseio de criar, que modifica nosso presente e conseqüentemente o futuro. E esse processo de criação pode ser observado desde a primeira infância, por meio das brincadeiras. É pela brincadeira e pelo jogo de faz-de-conta que a criança cria uma nova realidade que corresponde aos seus anseios e aspirações. "Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação", afirma Vigotski (2009, p. 19). Esse aspecto será abordado no próximo tópico, voltando-me especificamente para as expressões de crianças na fase da primeira infância e idade pré-escolar, e quais são as possibilidades de aprendizado por meio de propostas de jogos dramáticos nessa faixa etária, tomando como referência a obra de Peter Slade (1978).

Vigotski (2009) explica que o processo de criação se debruça na experiência, como dito anteriormente, mas é importante ressaltar que não é apenas na própria experiência; a criação pode se debruçar também na experiência do outro, ou seja, a narração de uma experiência pode levar uma criança a criar baseando-se naquilo que ouviu, e criar coisas novas sem ter vivido aquilo. Embora, eu nunca tenha visto *trolls*, ou estado num castelo, não creio que fadas, elfos e sereias existam de fato e tenho a consciência que a FE não é a torre de um castelo e de que eu não sou uma princesa. Uma fantasia, por sua vez, também pode servir de inspiração para novos frutos criativos, o que quer dizer que o processo do criar pode ter como raiz uma outra criação, que pode estar baseada em algo criado

anteriormente, gerando novos frutos, de modo que a experiência passe a se apoiar na imaginação.

Outro aspecto importante a destacar é o resultado obtido de cada processo de criação. Todas as formas de imaginação vêm carregadas de sentimento, e todo sentimento provocado pela imaginação é trazido para a realidade. Ou seja, mesmo que o processo de criação seja apenas tido como um jogo de faz de conta, o que o protagonista da criação sente, a partir daquilo que cria, gera sentimentos legítimos, que por sua vez marcam e modificam o indivíduo e então, quando uma criança cria ela está além disso exteriorizando seus sentimentos, dando significado para suas vivências e achando caminhos para internalizar suas experiências.

Vigotski (2009) dividiu esse processo de criação em duas etapas. A primeira seria o contato da criança com aquilo que ela vê ou ouve, acumulando experiências para poder construir sua fantasia. Com todo o material acumulado ela começa um processo de reelaboração: dissociações e associações das impressões percebidas. A dissociação seria fragmentar o todo experimentado em pequenas partes, das quais umas acabam destacando-se mais que outras, umas são esquecidas e outras se conservam. A criação de algo novo necessita de uma abundância de material, este que foi criado pelas dissociações, como peças soltas numa cesta, que as crianças pegam e juntam para criar algo novo. Assim, como as peças de um jogo podem se quebrar, se perder, essas “peças” construídas nas experiências também se movem, modificam e morrem. Neste ciclo, sua modificação é dada por fatores internos que as distorcem e reelaboram. Um exemplo de modificação é a “exacerbação/atenuação” principalmente no imaginário das crianças e o exagero é ligado ao orgulho da posse imaginária de algo especial como por exemplo: “tenho uma moeda, não, tenho dez, cem, mil moedas ou eu vi um cachorro grande, era maior que um elefante” como exemplificou Vigotski (2009, p. 37).

O processo de associações se dá na segunda etapa, que seria a união desse material que foi dissociado e modificado. Internamente, o aspecto principal da imaginação se relaciona com a necessidade que os seres humanos têm de se adaptar ao meio. Se não ocorrerem desafios, se existe um equilíbrio com o mundo, haverá menos base para um processo criativo; um ser totalmente adaptado tem

geralmente menos anseios e desejos dificultando o processo de criação. Desta forma, podemos concluir que a inadaptação tem uma grande força motivadora para a criação. Necessidades e desejos não têm poder de criar por si só, mas têm a função de mola propulsora para que a invenção aconteça.

É necessário compreender que isso não se trata apenas de crianças, estamos falando do processo criativo como um todo. A imaginação criadora é complexa e depende de diversos fatores, de modo que se dá de formas diferentes para as diferentes idades, não podendo ser igual na criança e no adulto. E assim explica que: "Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação" (VIGOTSKI, 2009, p. 19).

A imaginação não existe sem a experiência, e na infância a experiência cresce e se forma gradativamente e o que a diferencia do adulto é sua originalidade. A forma como a criança se relaciona com o meio, seja ele tido como simples ou complexo, incentiva e orienta o processo criativo.

É comum ouvir-se falar que a criança tem mais imaginação, é mais criativa que os adultos. A infância é considerada a época em que a fantasia é mais desenvolvida e acredita-se que ao crescer a força e capacidade de imaginar acaba diminuindo. Agora, se a imaginação se dá pela experiência, e a criança tem menos experiência que o adulto, como a criação infantil pode ser mais rica que a de um adulto? Qualquer pessoa estranharia ver um adulto correndo atrás de fadas num jardim, ou se escondendo num armário de manutenção com medo de *trolls*, mas observar isso numa criança é normal.

Deparar-me com esse questionamento me deixou com a ideia presa, não conseguia parar de pensar em como isso é possível? E quais são as circunstâncias disso? Convivi muito com crianças, na minha vida: meus irmãos, meus primos, os alunos que tive contato nos estágios que fiz durante a faculdade, as crianças que fui babá. E em todos os casos pude ter contato com o que era a imaginação deles e quão rica e cheia de elementos e como ia longe, e criava coisas que eu mesma, não me via mais capaz de criar.

Discuti sobre isso com alguns colegas e amigos, com meus familiares e poucos ousaram arriscar algum palpite. Alguns fizeram proposições, mas ninguém conseguiu me explicar de fato como isso era possível. E só pude chegar a uma ideia, uma suposição na verdade: será que isso se dá dessa maneira pela

ingenuidade da criança? Ou seja, será que sua FALTA de experiência é a raiz de toda a riqueza? Mas se a experiência é fundamental para a imaginação como sua falta pode trazer riqueza? Vou explicar meu ponto: a criança tem algumas experiências, mas por serem poucas, no seu processo de associação acaba fazendo associações que são mais arriscadas e que no mundo real seriam impossíveis, enquanto o adulto, por já ter o conhecimento daqueles elementos, não se arriscaria tanto. Essa seria, para mim, uma explicação que faz sentido...

Ao despertar essa inquietação em mim, logo em seguida, Vigotski (2009) afirma que, apesar disso ser uma crença popularmente difundida não tem nenhum embasamento científico e começa a explicar que, na verdade, a imaginação da criança é mais pobre que a de um adulto e que ela amadurece no decorrer do crescimento e que vai atingir a maturidade na idade adulta. A imaginação é tida como um produto final da evolução da fantasia e que está ligada com o amadurecimento da criança, principalmente em suas fases de transição, como a adolescência. É na adolescência que se desenvolvem os interesses que tendem a ser permanentes na vida, e com isso os interesses da infância começam a retrair-se rapidamente e perdem o lugar e com isso a imaginação chega à sua forma final.

Porém, um aspecto singular da imaginação da criança é sua crença naquilo que ela cria e sua falta de controle dos seus frutos. E, por isso, a imaginação na criança é evidentemente maior que no adulto. Contudo, não somente os elementos usados na imaginação das crianças são mais pobres, como também a qualidade e a diversidade das combinações. E por meio do gráfico abaixo, Vigotski (2009, p.46), exemplifica isso. Assuma a linha IM como imaginação e a linha RO como a linha do desenvolvimento intelectual.

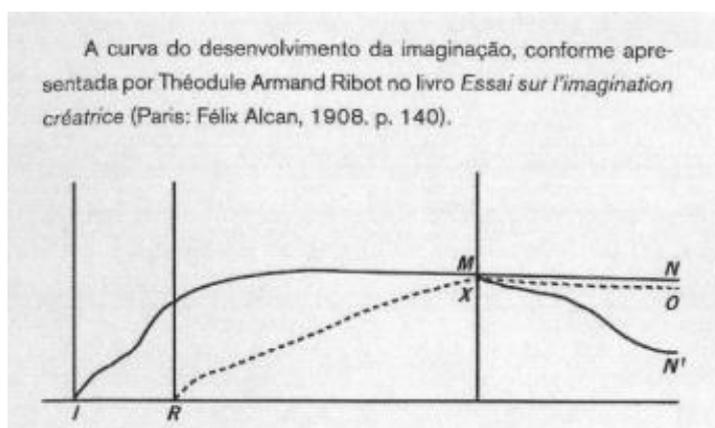


Figura 1

O crescimento da imaginação é grande, mas tende a se estabilizar à medida que começa a haver mais desenvolvimento intelectual. Então, com isso é possível dizer que a imaginação pode ter um crescimento significativo, mas serão criações mais pobres pois a criança ainda não tem conhecimentos e saberes suficientes para trabalhar com os materiais que possui. Quando o desenvolvimento intelectual encontra a imaginação ambas começam a trabalhar juntas, numa relação competitiva. Nesse momento, as atividades de imaginação se adaptam às condições racionais, deixando de ser imaginação pura, tornando-se um misto dos dois.

Porém, não é isso que acontece com todos. Em muitos casos, podemos ver o fenômeno que acontece com a linha MN¹, que cai bruscamente indicando um retraimento da imaginação, sendo esse o caso mais comum. “Apenas os dotados de imaginação fértil são exceções a isso; a maioria entra aos poucos no ritmo da vida adulta, enterrando os sonhos da juventude”, afirmou Vigotski (2009, p. 47). Porém, essa regressão não anula a imaginação criativa, apenas a transforma em uma casualidade.

Essa fase crítica ilustrada por MX divide os dois períodos que reestruturam a imaginação profundamente: de subjetiva para objetiva. Essa transição é caracterizada, principalmente, como idade crítica. É a idade que a imaginação começa a se reestruturar entre o equilíbrio infantil e o equilíbrio ainda não encontrado da maturidade, caracterizando a atividade da imaginação por suas rupturas, transgressões e busca de um novo equilíbrio. Esse momento é fácil de se perceber quando uma criança perde o encanto por desenhar, pois começa a ter uma relação crítica com seus desenhos e seus esquemas infantis começam a não satisfazer mais. Apenas crianças com condições especiais não passam por isso, quando são mais incentivadas com aulas de desenho, por exemplo.

A ruptura mais difícil das minhas experiências foi quando as brincadeiras infantis passaram a não fazer mais sentido, assim como os contos de fada. Foi quando percebi que talvez as fadas fossem de fato uma fantasia e que não havia *trolls* perigosos atrás de mim, e de que a minha varinha mágica na realidade não tinha poderes.

Vigotski (2009) fala extensamente sobre a criação literária infantil, mais especificamente na idade escolar, e trata dos seus aspectos em geral, como ela se

dá, quais são suas influências, entre outras coisas. No entanto, o meu foco principal de olhar é a criança pequena, na idade pré-escolar, ou seja, pré-escrita, uma criança que ainda não foi introduzida à alfabetização, ou que está começando a ser introduzida, mas que ainda não tem domínio da leitura e escrita, e por não ter esse domínio não tem meios de fazer disso uma produção criativa. É fato que antes de escrever a criança já cria ativamente e o que mais se aproxima da criação literária é a dramatização infantil, que representa o tipo de criação mais frequente. E aqui eu começo a minha compreensão da dramatização infantil para mais adiante poder colocar essa dramatização em paralelo com os jogos dramáticos nesse momento da primeira infância.

A dramatização infantil é a forma encontrada pela criança de internalizar aquilo que acontece à sua volta, de modo que possa ter propriedade daquilo e a apropriação da realidade ocorre sobretudo pela imitação. Ela junta os fatos de suas vivências com elementos morais não conscientes (heroísmo, coragem, abnegação) por meio de seus instintos e cria situações e ambientes que a vida não lhe apresentou. Diferentemente dos adultos, as crianças têm uma imaginação ativa e um desejo de encarnar-se nas suas invenções ou impressões. E é desse modo que se concretiza a forma de imaginação que foi falada anteriormente.

É como se a realidade se repetisse por meio das criações imaginárias. A criança vê e a criança repete até que aquilo esteja gravado em si, em detalhes que tira de suas impressões. Vigotski (2009) utiliza um exemplo bem claro, de uma menina que enterra os pés na terra e fica em pé, imóvel:

“Sou uma árvore. Não está vendo? Estou crescendo. Olhe os galhos e as folhinhas”. As mãos dela começavam a se levantar devagar, os dedinhos se abrem. ‘Não está vendo como o vento me balança?’. E a ‘árvore’ começa a inclinar-se e tremular as folhinhas-dedinhos. (VIGOTSKI, 2009, p. 99)

A raiz para a dramatização ser a forma criativa mais comum nas crianças, é a sua proximidade com a brincadeira, e por isso tem diversos tipos diferentes de elementos de criação. As crianças permeiam um processo de criação dramática que vai do improvisado à leitura de peças. A preparação desse meio é rica e cheia de espaços criativos e tudo que antecede um resultado final é a preparação de uma brincadeira divertida. A produção dramática como um todo oferece ferramentas para diversos outros tipos de produções criativas, desde a preparação de cenários, figurinos, as quais dão motivos para a criação plástica e técnica das crianças.

O desenhar, recortar, costurar, colar e tudo o que envolve a produção confere sentido para partes comuns de um objetivo coletivo. E, finalmente, a apresentação, uma brincadeira com personagens se apresentando e finalizando todo o trabalho de forma a atingir o resultado de um processo de criação.

Para a criança, o brincar é a escola da vida que auxilia na formação do seu caráter e de sua visão de mundo, construindo a sua personalidade. E, com isso, Vigotski (2009) traz a importância do processo e não do produto final em si. O teatro infantil deve ter como foco todas as etapas que sucedem o “espetáculo final”. Desse modo, não pode ser uma atividade ditada por adultos:

O importante não é **o que** as crianças criam, o importante é que criam, compõe, exercitam-se na imaginação criativa e na encarnação dessa imaginação. Na verdadeira encenação infantil, tudo - desde as cortinas, até o desencadeamento final da trama - deve ser feito pelas mãos e pela imaginação das crianças, e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda sua força. (VIGOTSKI, 2009, p. 101; grifo do autor)

Aí destaca-se a importância de tudo ser feito e criado pelas crianças, desde o palco, o cenário, os figurinos, pois, quando participam ativamente da criação, não ocorre uma quebra em sua estrutura psicológica. Deve fazer sentido e ser familiar a ela, para que não haja inibição. A criança é o ator para si mesmo, e não somente para o outro, o espetáculo deve ser construído para que ela possa apresentar também para si, para que se envolvam no processo de interpretação, e não apenas pelo interesse no resultado final. É importante que as crianças tenham consciência dos objetivos de suas criações, para que assim, elas construam sentidos. A alegria deve vir da satisfação da criação, desde o princípio, e não apenas da gratificação vinda de um elogio adulto.

Nesse sentido, penso que o papel do adulto ou do professor seja o de guiar o processo de criação por meio de incentivos e encorajando a criança para experimentar e tentar, sem definir o “destino final”, ou determinar o que deve ser feito. Mas, o produto final, faz parte fundamental do criar, o processo e o resultado constituem a criação.

Seguindo essa mesma linha de pensamento de Vigotski, Meyer (2002, p. 4) trouxe a seguinte reflexão:

O teatro, quando aplicado à educação, deve valorizar mais o processo, que é justamente o responsável pelo desenvolvimento tanto da criatividade, como da expressão, da qualidade de

convivência grupal e da construção da autonomia. O produto torna-se uma consequência, que vai apresentar uma qualidade correspondente ao processo desenvolvido. Um bom processo leva a um bom produto, certamente.

Deste modo, compreendo que as forças para incentivar o processo e tudo aquilo que vem antes do produto final tenha um valor imensurável, mas não descarto o valor que um bom produto tem, principalmente para a autoestima, de criar algo de valor e ser reconhecido por isso.

Em uma das minhas experiências de estágio na graduação em Pedagogia, a escola tinha uma política bem estrita sobre elogiar o trabalho e criações dos alunos, nós tínhamos uma espécie de biblioteca de frases prontas para serem ditas quando eles buscavam nossa aprovação, tais como: *Está muito colorido* ou *Quantas formas diferentes*. Eu via que aquelas respostas prontas não eram aquilo que buscavam, pois apenas reafirmavam aquilo que as crianças claramente já sabiam. A questão do elogio aqui é mais num sentido de que a criança não precisa ficar se provando para o adulto, mas o criar sem reconhecimento pode desmotivar o criador. Creio ser importante ensinar às crianças que a satisfação com a própria criação é algo fundamental, mas se nós adultos apreciamos e reforçamos o reconhecimento, como que crianças que têm como exemplo os adultos ao seu redor não vão querê-lo?

Mesmo que Vigotski tenha conseguido me esclarecer muito sobre os processos de criação e imaginação na infância, que ele tenha sido o ponto inicial da escrita deste trabalho, e que por esta leitura eu tenha acessado memórias tão queridas de minha infância, ele também me trouxe inquietações que eu sabia que precisavam ser resolvidas antes que eu terminasse minha escrita. E foram essas inquietações que me levaram até a obra de Peter Slade, que trago no tópico a seguir.

2.2 Em busca de perguntas

Em todo o meu percurso de graduação até chegar a esse momento, acreditei cegamente que o processo para escrever meu TCC seria achar as respostas certas para as minhas perguntas. Entretanto, no decorrer das minhas

leituras pude perceber que, na realidade, escrever o TCC significa encontrar mais perguntas para as respostas e caminhos que construí durante todo o meu processo de formação; as certezas que já viviam acesas dentro de mim sem eu ter conhecimento, mas que sempre orientaram a minha essência de professora. Acredito que isso possa ser chamado como muitos dizem de intuição.

Nosso percurso de formação é repleto de diversas influências, diferentes caminhos e crenças de como e quais são os melhores meios de educar e ensinar, e acabamos nos identificando com alguns desses caminhos em um certo momento e começamos a guiar nossas práticas docentes naquele sentido, sem ao menos entender o porquê. Escrever o TCC está muito relacionado a isso: olhar em uma direção e saber que é para lá que você quer ir. O movimento de chegar lá é cheio de porquês e “comos”. Quanto mais eu acho que finalmente vou chegar em alguma resposta, mais perguntas surgem à minha frente. Por diversas vezes me questioneei: *será que esse é o melhor caminho para mim?* E, honestamente, eu acredito que só vou saber no momento em que chegar lá. Mas alguns sinais no caminho me deixam bem confiantes, principalmente ao perceber que as minhas inquietações não são só minhas, e que tem muitos autores que buscam as mesmas respostas, como por exemplo Slade (1978, p. 5):

É fundamental que se questione mais sobre educação. Para isto, deve-se estar mais aberto, mais inquieto, mais vivo, mais poroso, mais ligado, refletindo sobre o nosso cotidiano pedagógico e se perguntando sobre o seu futuro. É necessário nos instrumentarmos com os processos vividos pelos outros educadores como contraponto aos nossos, tomarmos contato com experiências mais antigas, mas que permanecem inquietantes, pesquisarmos o que vem se propondo em termos de educação (dentro e fora da escola) no Brasil e no mundo.

Ao mesmo tempo que Slade (1978) propõe em sua obra os mesmos questionamentos que me inquietam, ele também me ofereceu respostas para outras inúmeras indagações, e de certa forma mudou um pouco meu olhar para minha própria pesquisa.

Sempre que eu pensava em jogos dramáticos, tinha em mente jogos estruturados, e com regras, como os que foram propostos por Viola Spolin, em sua obra “Improvisação para o Teatro” (SPOLIN, 2000). Contudo, os jogos por ela propostos são pensados para crianças a partir de seis anos, e isso me colocou numa encruzilhada, pois meu olhar voltava-se para crianças pequenas, de até seis

anos, gerando uma confusão e incerteza muito grandes. Será que jogos dramáticos são inviáveis para crianças menores de seis anos?

Esse destaque que encontrei ao longo de minhas leituras se fez muito relevante para minha pesquisa: “O Jogo Dramático Infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos” (SLADE, 1978, p. 17). Com isso, olhei para minhas memórias e minhas vivências, momentos que presenciei ao longo de minha vida em contato com crianças, nas minhas experiências de estágio curricular no curso de pedagogia e nos trabalhos que tive com crianças, e a capacidade de imaginação que elas têm, de criar algo novo apenas pelo prazer de criar e viver suas criações, como já mencionei no primeiro tópico deste capítulo. Slade (1978) chama esse impulso da criação por meio da interpretação de jogo dramático, e explica que essa é a raiz da brincadeira de representar.

É por meio dessa brincadeira que a criança, no contexto da educação infantil, experimenta, pensa, comprova, lembra e absorve, ou seja, é a maneira como a criança vive. E para que isso ocorra, a criança precisa, acima de tudo, de um contexto que nutra essas possibilidades, um contexto em que não se sinta podada ou acanhada para criar, e possa fazê-lo com liberdade. É aqui que entra o papel do adulto, este deve encorajar e oferecer oportunidades para que isso aconteça, incentivando sempre a criação e sem ditar um único caminho a ser seguido, dando à criança um espaço de criação mais livre, construindo uma relação de confiança e amizade. E esse deve ser o papel desempenhado pelo professor na educação infantil, de propiciar que os espaços educativos sejam esse ambiente seguro onde as crianças tenham oportunidade de experimentar livremente.

Meyer (2002, p. 4) afirma que “O teatro é um caminho que conduz à Educação. Neste contexto, é um meio e não um fim. O objetivo do teatro na escola, não é a formação de atores, nem a produção de obras de arte”. A autora critica a forma como o teatro está mais presente nas escolas: ilustração de “festinhas”, de modo que as crianças estão ali apenas executando uma tarefa criada pelo professor. Quando colocado dessa forma, a criança adquire uma postura passiva, sem expressões próprias, tendo como referência aquilo que é bonito para o professor. Meyer (2002) afirma que essa forma de teatro acaba sendo anti-educativa e pode gerar o efeito de reprimir a criatividade infantil, Slade afirma que

o jogo dramático é o comportamento real dos seres humanos, e não algo que foi inventado por alguém. O faz de conta, ou seja, a imitação é algo inato do comportamento humano.

Slade (1978) pontua que, ao observar uma brincadeira teatral de criança, é perceptível momentos de caracterização e situações emocionais tão claras que se fez necessário a diferenciação entre drama e teatro como entendido pelos adultos, esta é uma ocasião de entretenimento e há a separação público e palco. No entanto, a criança, principalmente a pequena, ainda não faz essa distinção, na mesma medida que é ator e também é auditório, explica Slade (1978), que logo em seguida ainda afirma que é na prática repetitiva do jogo dramático, que a criança descobre a vida e a si mesma.

As crianças na educação infantil atuam com liberdade, todos são fazedores, tanto o ator como o público. Normalmente, os jogos de dramatização infantis ocupam qualquer espaço, nunca estando muito restritos a um só, e sem ter muita distinção de quem representa e quem assiste, alterando os papéis ao longo da brincadeira. Slade (1978) afirma que a brincadeira dramática nesse momento da infância se caracteriza em dois aspectos: absorção e sinceridade. Absorção é a imersão da criança em sua criação, sem pensar em mais nada além daquilo que está fazendo de conta. A sinceridade é a forma como representa o papel, sempre carregado de sentimentos reais, não finge sentir, sente de fato, trazendo consigo uma intensidade daquilo que vêm de suas experiências e vivências.

Assim como Vigotski (2009), Slade (1978) observou a relação entre as experiências vividas pelas crianças e suas criações, e reconhece que nos estágios mais precoces da infância, a criação é tão fluida que muitas vezes pode ser difícil distinguir elementos da vida cotidiana exterior e da imaginação interior. Ambas se mesclam na vida da criança que, à medida que vivencia diferentes experiências, sejam essas provenientes de momentos vividos ou de momentos criados pela imaginação, vai se desenvolvendo.

Antes mesmo de começar a escrever meu TCC, comecei a esboçar tópicos que eu gostaria que estivessem presentes no resultado final. Ao longo de toda a minha graduação, diversas vezes, participei de discussões sobre os estágios de desenvolvimento infantil, o que eles tinham de semelhantes e o que eles tinham de singular, e um dos pontos que coloquei como um horizonte para minha pesquisa

era compreender como esses estágios de desenvolvimento afetavam e eram afetadas pelos processos de criação infantil.

Vigotski (2009, p. 19) afirmou que "Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação". A partir dessa afirmação, mergulhei numa busca para compreender quais seriam as singularidades encontradas no processo de criação no âmbito da educação infantil, principalmente no que diz respeito a criações dramáticas.

Em sua obra, Slade (1978) divide aquilo que chama de jogo dramático de duas formas: jogo projetado e jogo pessoal. A partir dessas duas formas de jogo, é possível ver quais são as singularidades presentes em cada idade.

O jogo projetado nada mais é do que a projeção do imaginário para brinquedos e objetos. Ele requer muito mais o uso da fala e do pensamento; o faz de conta se dá "fora" do corpo. Os objetos assumem o papel de ator da dramatização. Ele se faz muito mais presente nos estágios mais precoces das crianças pequenas, quando ainda não está pronta para usar seu corpo totalmente.

Já o jogo pessoal é a totalidade do corpo sendo utilizada para a dramatização de fato. Caracterizado principalmente pelo movimento, pela experimentação de ser diferentes pessoas e coisas, há nesse jogo a ocupação do espaço, a perambulação e a responsabilidade de estar naquele papel, e por meio dele poder experimentar coisas diferentes daquilo que já se sabe e sente. O jogo pessoal é muito observável a partir dos quatro/cinco anos de idade, à medida que a criança adquire o domínio e controle do próprio corpo. Eu acredito que as crianças transitam bastante entre ambos, constantemente, e que as peculiaridades de cada criança e o contexto em que estão inseridas interfiram de forma direta naquele que se faz mais presente para cada criança, até porque não é possível apartarmos de forma muito restrita essas perspectivas do jogo.

Eu me lembro com clareza de alguns momentos da minha infância em que a dimensão do jogo se fazia presente em suas diferentes possibilidades de manifestação. Reconheço que um traço de minha personalidade, é o falar, falar e falar, sem parar. Minha mãe conta que eu me sentava com minhas bonecas e passava horas falando sem parar, que eu era preguiçosa, gostava de brincar sentada, deitada e falando. Talvez isso fosse pela falta de companhia, pois meu pai

me conta, que quando ele me pegava aos fins de semana eu não parava quieta com minha prima, nem quieta, muito menos calada.

Mas quando eu acompanhava minha mãe em suas aulas na FE como eu contei anteriormente, (adivinha?), eu precisava ficar em silêncio. Portanto, ela levava livros para mim, lápis de cor, atividades manuais, menos bonecas, porque sabia que era impossível para mim não conversar com minhas bonecas. E penso que justamente por isso eu ansiava tanto pelo momento de ir correr no gramado, eu ficava com tantas coisas não ditas durante às aulas que só falar já não iria satisfazer, meu corpo precisava dizer também: aquele castelo era silencioso demais para aquela princesa tagarela.

Esses jogos estão presentes ao longo de nossa vida e as experiências que vivemos quando crianças afetam muito quem somos e a maneira como interagimos com o mundo. Slade (1978, p. 20) afirma que “Tanto o tipo de pessoa como a sua ocupação na vida estão ligados ao equilíbrio do eu e à projeção” Ou seja, esses jogos que aparecem desde o começo de nossas vidas têm grande influência na construção do nosso futuro eu, do nosso comportamento e da nossa capacidade de agir na vida em sociedade. Digo isso não de uma forma determinista, mas num sentido de que as experiências da infância podem enriquecer profundamente a nossa formação humana.

E por isso o jogo dramático na infância e o brincar de faz de conta são tão importantes para o desenvolvimento. A sua ausência pode significar a perda significativa de experiências importantes que nos constituem como sujeitos, uma que vez vivenciar o jogo dramático na infância pode nos auxiliar a fazer descobertas e a exercitar nossa imaginação.

Nossa infância é um período de nossas vidas que muitas vezes é difícil de acessar. Conheço diversas pessoas que se lembram muito pouco de suas memórias de infância. Eu me sinto muito privilegiada por lembrar tanto, e com tantos detalhes, mas uma das coisas que passei a entender recentemente é a nostalgia dos adultos sobre a infância de seus filhos, sobrinhos, priminhos etc. Eu penso que talvez eu tenha me tornado essa adulta nostálgica com as lembranças dos meus irmãos. E uma das lembranças que me vieram ao pensamento é a de minha irmã nos primeiros anos da escola, na fase da educação infantil. Nossa diferença de idade é de 10 anos.

Ela sempre foi muito apegada à minha mãe e muito tímida, e ir para a escola foi um grande desafio para ela. Frequentemente, a professora falava com minha mãe que ela era muito quieta, que era muito difícil ter a participação dela nas atividades. O curioso era que, minha irmã era mais próxima das crianças mais falantes, mais ativas, participativas e mais bagunceiras da sala. E todos os dias quando ela voltava da escola era sempre a mesma coisa: *Como foi a escola Flora?* E ela respondia: *Não é a Flora, é a Luísa!*; às vezes era o Miguel, outras vezes o Paulo. Mas a Flora mesmo, nunca voltava para casa. Ela passava uma boa parte da tarde brincando de ser esses amigos, que não tinham as mesmas inibições que ela, que faziam coisas que ela mesma não teria um pingão de coragem para fazer, e aprontando bastante em casa.

Já faz bastante tempo que nem a Luísa, nem o Miguel e muito menos o Paulo vêm nos visitar. No entanto, a Flora aprendeu a falar aquilo que ela tinha vontade, começou a participar mais na escola, aprontar bastante e fazer muita bagunça. Agora fica bem claro para mim que aquela fantasia de fazer de conta que era um amiguinho ou outro nada mais era do que uma criança experimentando algo que ainda não fazia parte dela, testando e vendo se aquilo faria sentido para ser dela, e quando fez, se apropriou daquilo e tomou como seu também, levando esse aprendizado para a vida.

Eu me lembro de tantas vezes que minha vontade era falar: *Luísa, você precisa ir lá pra sua casa, aqui é a casa da Flora...*, mas acabava não falando porque a Luísa era bem divertida e me fazia dar muita risada. Agora eu imagino: quem seria a Flora sem experimentar ser a Luísa? E essa resposta eu posso dizer que sou muito feliz em não ter. Luísa, obrigada pelas visitas!

Um dos pontos que pode ser destacado dessa memória é a importância da participação familiar na educação das crianças nesse primeiro momento de inserção na escola, que no Brasil é obrigatória desde os quatro anos de idade. Desse modo, a relação escola versus família é fundamental para que ambos os lados possam se auxiliar, e de uma forma que a escola possa orientar os pais quando se fizer necessário, principalmente porque nessa fase a criança ainda não tem a capacidade de comunicar tudo aquilo que tem necessidade.

No exemplo supracitado, nossa postura (minha e da minha família) dentro de casa fez muita diferença no processo de exploração do mundo e de

autoconhecimento da Flora, pois acredito que aquela fantasia de ser de um jeito ou de outro, mostrou a ela aquilo que fazia ou não sentido para ela. E com isso, minha irmã pôde se apropriar de algumas coisas e abrir mão de outras, construindo a pessoa que é hoje, e que certamente seguirá se transformando ao longo dos anos. Mas é difícil saber quais teriam sido nossas atitudes se, por ventura, a escola, e mais precisamente a professora dela, não estivesse sempre garantindo, com seus *feedbacks* semanais, que nós soubéssemos como era seu comportamento e o dia-a-dia escolar.

Importante ressaltar que a educação e o aprendizado não ficam de maneira nenhuma restritos à escola. As crianças pequenas vivem um momento tão ativo de desenvolvimento que a todo momento estão de alguma forma aprendendo algo, principalmente quando o é propício. Por isso, acredito que o lar da criança deva oferecer, igualmente, oportunidades para as brincadeiras dramáticas das crianças, pois por meio delas pode-se conhecer melhor a criança, seus anseios, receios, necessidades, bem como em que momento da vida a criança se encontra.

Slade (1978) discorre bastante sobre essa importância em sua obra, e enfatiza a importância dos pais compreenderem que o lar também é lugar de aprendizados e experimentações e, portanto, devem abrir espaço para as improvisações e brincadeiras dentro de casa. Na infância, muitos destes jogos envolvem a presença de barulhos, e movimentações que podem parecer apenas agitação, mas que na realidade tem um papel importante no faz de conta, que muitas vezes é o de representar a exacerbação de um sentimento ou sensação. Podemos ensinar às crianças os momentos em que essas exacerbações não devem acontecer, mas permiti-las sempre que possível, bem como a oportunidade das crianças experimentarem a independência de alcançarem objetivos por elas mesmas, de forma autônoma.

É muito comum que existam comportamentos de super proteção tanto pela higiene como pela segurança. Diferente dos professores que são preparados para saber o que as crianças são capazes de fazer sozinhas ou o que vão necessitar de ajuda, os pais, muitas vezes, acabam diminuindo as possibilidades de experimentações dos filhos temendo por seu bem-estar. É claro que a preocupação deve existir, mas a criança precisa de liberdade para tentar e errar, para poder crescer e se desenvolver. Pular, saltar, correr, virar cambalhota e se sujar vão fazer

parte de muitas de suas fantasias, com as quais vão criar suas personalidades e desenvolver seu senso de perigo e segurança, e terem mais facilidade de compreender seus limites e limitações, o que é fundamental, inclusive para que aprendam a não correr riscos maiores e que possam trazer grandes prejuízos e frustrações.

Jogos dramáticos e de faz de conta são também tentativa e erro, e é muito valioso que existam os erros, para a criança experimentar também as frustrações e derrotas, pois é a partir dessas derrotas imaginárias que ela criará forças para saber lidar com as derrotas reais em sua vida. Então, são aspectos como estes que os pais precisam conhecer e ter atenção para observar dentro de casa e, a partir da observação, orientar e conduzir as crianças. Os jogos de faz de conta podem ser uma ótima maneira de aprender coisas que nos constituem como sujeitos e que levaremos para toda a vida.

Pensando nisso e considerando que muito do que se dramatiza na infância, além de ter origem nas experiências que a criança tem, faz parte de um jogo de imitação daquilo que a criança observa, é muito valioso que os adultos (pais, professores, familiares etc.) sempre mantenham uma postura de exemplos positivos. Nunca fazer na frente da criança aquilo que não deseja que leve para suas brincadeiras, pois quando ela traz esses elementos para suas dramatizações não há garantias de que ela não tomará para si aqueles comportamentos como atitudes a serem seguidas. Retomando o exemplo da minha irmã Flora, sempre que, em suas visitas, a “Luísa” aprontava demais, nós explicávamos para ela as regras da casa, que eram bem claras, visando sempre à segurança e bem-estar dela. Assim, como defende Slade (1978), direcionávamos a brincadeira que acontecia, sem grande alvoroço, fazíamos sugestões que não se afastavam muito daquele foco, e explicando o porquê de nossa opção ser preferível.

Ter regras claras e uma postura que sirva como um bom exemplo tem efeitos muito positivos no desenvolvimento da criança, pois cria um contexto de maior segurança. Slade (1978) fala que quando as regras (tanto na escola, quanto em casa) são claras e todos as seguem fica mais fácil para a criança nessa fase da educação infantil compreender o que cabe ou não em suas dramatizações. Desse modo, quando existir a tentativa de arriscar algo que fuja um pouco daquilo, a

criança terá a chance de compreender com mais facilidade se for repreendida, pois não haverá exemplos de que aquilo que está arriscando é algo pertinente.

Finalizo este capítulo enfatizando que compreender a importância do jogo dramático no desenvolvimento infantil foi um divisor de águas na minha formação como educadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Final: O ponto de início de tudo que está por vir

“Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei”

Almir Sater
(Música “Tocando em frente”)
(Disco – Ao vivo, 1992)

Durante toda a minha trajetória de graduação, o TCC sempre foi algo que despertou muita ansiedade e medo, e deixe-me explicar o porquê. Eu já tive uma experiência prévia do meu TCC do curso técnico de administração, que diferente do que fazemos na Unicamp era feito em grupo, super rígido quanto às normas ABNT, e engessado, e meu professor sempre falava da importância de uma fala imparcial e neutra. Agora imagine falar com imparcialidade sobre a questão da inclusão (ou exclusão) de deficientes no mercado de trabalho? Ser imparcial sobre este tema me feriu algumas vezes durante o percurso.

Imaginar o TCC da universidade, tendo vivido previamente uma experiência assim era assustador. Eu lutei a graduação toda com produções, relatórios, escritas etc., nas quais precisei ser imparcial e adotar uma postura de neutralidade, quando tudo que eu queria era derramar minhas opiniões e sentimentos, lembranças e pensamentos que os temas me traziam. Supostamente, eu deveria escolher um tema que me despertasse interesse e se tenho interesse é porque me toca de alguma forma. Como vou falar de algo que me toca imparcialmente? Eu não sei não sentir. Eu não sei não derramar.

A surpresa foi enorme e me trouxe um tremendo alívio quando descobri que não era bem assim. Foi quando compartilhei com minha orientadora essa angústia e ela, com toda leveza me disse que o TCC era uma escrita pessoal, viva e que nós poderíamos sim levá-lo de outra forma. E assim, em segundos, todo o meu nervosismo se diluiu, e assim venho levando (ou seria trazendo) minha graduação para seus últimos passos. Essa mesma leveza veio então no meu último

semestre da graduação, e com ele cada uma das disciplinas me trazendo discussões que se aproximam dessa visão de que a escrita pode e deve ser carregada de si e de sentimento. Professoras trazendo para as aulas narrativas que vieram carregadas de reflexões (algumas das quais tive no caminho da minha escrita), textos de pessoas que viveram naquele mesmo contexto que por anos foi minha segunda casa, a Escola Curumim.

Foi nesta segunda casa, que eu descobri a escrita livre. Lembro-me que minha primeira lição de casa foi a seguinte proposta: escreva um texto livre. *“Professora, livre como?” “Livre, como quiser” “Tá, mas eu escrevo do que?” “Você escolhe o que quiser, uma história, uma carta, qualquer coisa. Você inventa”*. Eu não sei quantas vezes eu fiz a mesma pergunta e a resposta não fez sentido algum. E eu fiquei tão desconfiada, que achei que era uma pegadinha e pensei: *vou escrever a coisa mais absurda do mundo para ver o que ela fala*. Criei a história do Tubalhau, uma mistura de tubarão com bacalhau, que nadava sozinho pelo mar até encontrar um polvo ranzinza. A história toda não me lembro. Mas lembro que fui elogiada, pela criatividade, esse texto foi até para o jornal da escola. E assim compreendi o que é escrever aquilo que está dentro de você. E desde então a escrita teve um papel muito importante na minha vida, que foi evoluindo e se “carregando de mim” e de meus sentimentos.

Tudo está girando em torno das lembranças e memórias que precisei remexer nesses meses para a criação desta escrita. Escrita que agora se aproxima do fim, e para dar começo ao fim gostaria de dizer que essa pesquisa é a pesquisa de uma mulher INTEIRA! Com cada uma das coisas que me transformaram, todos os fatos, acontecimentos, reviravoltas. Todas as dores, e cada uma das conquistas.

Essa escrita não é menos, ou tem menor valor do que uma pesquisa que escolha por seguir um caminho com mais neutralidade. Esta é sim uma escrita científica, só que essa cientista escolheu trazer para sua pesquisa tudo aquilo da vida que a marcou e a guiou para esse caminho. Essa pesquisa foi sim, e vai ser até o último ponto final, carregada de sentimentos, de lembranças, e vai ser com essa pesquisa que eu vou finalizar minha graduação e iniciar a minha vida como professora, e por isso eu esperei muito.

E agora, encaminho esse trabalho para seu final, com um sentimento muito grande de realização.

Quando idealizei os primeiros esboços desta pesquisa, tinha uma ideia de jogos dramáticos muito regrados, como os que eu tinha experimentado nas aulas de teatro. Porém, o desenvolvimento deste estudo me mostrou que os jogos dramáticos não se resumem a isso. Eu imaginava um trabalho que demonstrasse que realizar aqueles jogos estruturados (que eu já conhecia) na educação infantil era algo positivo para o desenvolvimento das crianças e que poderia proporcionar diversos aprendizados.

O desenvolvimento deste estudo me possibilitou entender que o próprio movimento do faz de conta já é um jogo para a criança e que, nesse período da educação infantil, o jogar é algo muito vivo e que transforma significativamente a criança.

Durante a graduação, lembro-me de discutir por tantas vezes sobre a presença (ou ausência) da arte na educação e de como a arte era importante para o desenvolvimento humano e que nossa educação deixava muito a desejar nesse aspecto. Não foi nenhuma surpresa quando, ao iniciar minha pesquisa, buscando nas leis de que forma a arte era inserida na educação, pude ver que a arte ainda tem um espaço muito pequeno na nossa educação. Mesmo que exista alguma previsão para a presença da arte na escola, ela ainda é muito escassa, visto que, a formação de pedagogas e pedagogos para as linguagens artísticas ainda deixa muito a desejar.

Com meu olhar voltado especialmente para o teatro pude observar, pelas minhas leituras e pelas vivências que tive, que a presença do teatro na escola fica muitas vezes restrita à montagem de uma “pecinha” no fim do ano ou em alguma comemoração especial ou como uma ferramenta pedagógica.

Ao longo do trabalho, ressalto que o teatro é uma linguagem artística muito completa, pois pode englobar as outras linguagens, como a dança, a pintura, a poesia etc. Eu entendo que a montagem de uma peça de teatro no fim do ano não seria algo negativo se fosse uma criação da qual as crianças fizessem parte, na qual suas ideias fossem o ponto de partida, e não algo feito, dirigido por adultos para ser apresentado para adultos. Deve ser também algo para as crianças e por elas.

Também entendo que utilizar o teatro como um meio de diversificar as aulas, trazendo algum conteúdo para uma perspectiva mais lúdica possa ser algo

que enriquece o ambiente escolar, desde que o teatro não seja visto meramente como um recurso pedagógico. O teatro como arte não pode ser deixado de lado, as crianças precisam experimentá-lo como arte.

Vigotski destacou que a imaginação e a criação na infância se dão a partir de elementos vividos por cada um e que, com esses elementos, as crianças criam, fantasiam, inventam. Como a educação infantil tem o papel de, além de educar, cuidar das crianças, percebo que o espaço para a criação e os jogos dramáticos na educação infantil possam ser um importante meio de auxiliar as crianças a entenderem algumas situações pelas quais passam, e lidar com diversas coisas que possam ser difíceis de lidar.

No teatro, existe a ficção em que a vida é reinventada, revista, revisitada. Não é preciso ser original (no sentido de inédito). Nada precisa ser novo, mas tudo precisa ser recriado. Essa é a séria brincadeira do refazer: ao refazermos, lembramos, refletimos e damos nossa opinião e, assim exercitamos nossa postura diante a vida. (VIANA; STRAZZACAPPA, 2001, p. 121)

A importância do teatro na educação infantil é, portanto, um espaço de liberdade de expressão, em que as crianças possam experimentar, criar e tentar, pois é a partir dessas criações que se constrói a personalidade e se desenvolvem os traços individuais de cada um. Quando a escola de educação infantil abre esse espaço de criação e permite que ela aconteça livremente, podemos criar um espaço em que as crianças irão desenvolver suas habilidades sociais, suas múltiplas linguagens e poderão aprender, igualmente, a entender suas emoções por meio das interações com os outros.

O jogo é uma das formas como a criança se relaciona com o mundo e aprende com ele, mesmo que isso já faça parte da infância. Pode-se concluir então que os jogos dramáticos, por meio das experimentações de personagens e fantasias do faz de conta, precisam ter um espaço de destaque nessa primeira etapa da educação, pois podem permitir às crianças um exercício constante de conhecimento de si mesmas, do outro e do mundo em que estão inseridas.

Fechamento

“*NÃO É A DONA BARATINHA É A MINHA MÃE*”, foi o que eu gritei, em pranto, no que eu acredito ter sido o meu primeiro contato com teatro da vida. Minha mãe tinha ido junto com o grupo de teatro do qual fazia parte apresentar a peça Dona Baratinha na creche que eu estudava, e aquilo foi um tremendo de um desaforo. Como ela tinha coragem de ir até a minha escola, sem me avisar, não me falar oi e ainda por cima dizer que era a “Dona Baratinha”? Eu não conseguia entender. Eu que era fada, princesa, espiã, dentre tantas outras coisas, não conseguia compreender que os adultos também podiam fazer de conta, e achei naquele momento que tinha perdido a minha mãe e quase estraguei o teatro de todo mundo.

Essa história é contada e recontada nos jantares de família, e ainda dou muita risada, porque até hoje eu não parei de fazer de conta. Eu escolhi a pedagogia por amor à infância, amor pela fantasia, pelo criar, pelo inventar, com a ideia de que sendo professora eu poderia fazer isso o resto da vida, e com a realização deste estudo finalizo com a certeza de que escolhi o caminho certo.

Num mundo de sobreviventes, eu escolho viver, pois viver é arte.

Viver é pulsar, é sentir, é ser, é transformar.

Eu vivo enquanto muitos à minha volta escolhem a sobrevivência, esta que é o caminhar desatento, o fechar os olhos para o que traz desconforto, que se calam para aquilo que traz revolta e que não se atrevem a mudar e se arriscar.

Já fui sobrevivente. Às vezes viver é sofrer, nem sempre o sentir agrada. E quando sobrevivi me apaguei até não saber mais quem eu era e apenas existia.

Existir não saciou meus anseios. Precisei me reinventar. Em passos tímidos comecei a traçar aquilo que hoje chamo de vida.

Hoje eu vivo.

Em cada dor, eu busco aprender; a cada tropeço, procuro força para me reequilibrar, e às vezes encontro na queda um novo caminho.

Viver é sentir, e eu sinto.

Sinto cada perda, cada lágrima, cada mudança.

Mas sinto ainda mais as conquistas, os sonhos, as alegrias, as
compartilhaças e os sorrisos.

Eu sou mudança, sou inconstância e sou metamorfose.

Sempre quero mais de mim, mais do mundo.

Eu pulso e vibro e choro e grito.

Eu vivo.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. A importância do teatro na formação da criança. In: **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE**, Curitiba–Paraná/PR. 2008. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/629_639.pdf >. Acesso: 09 set. 2020.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. n. 4, p. 53-60, 2001., p. 53-60, 2001. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139594> >. Acesso em: 14 dez 2020.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente 1990**. Lei no 8.069/1990. Disponível em: < https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional 1996**. Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais 1997**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil 1998**. Brasília, DF: MEC/SEF. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil 2006**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> >. Acesso

em: 25 mai. 2020.

Brasil. **Crêterios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças 2009**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2009. Disponível em: < <https://www.mieib.org.br/wp-content/uploads/2017/06/Crite%CC%81rios-para-Atendimento-em-Creches-que-Respeitem-os-Direitos-das-Crianc%CC%A7as.pdf> >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educa o infantil 2010**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educa o Básica 2013**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017**. Educa o   a Base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 25 mai. 2020.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educa o como conhecimento e prática pedagógica. **Revista científica/FAP**, Curitiba, PR, v. 3, p. 39-52, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1624>>. Acesso: 11 jun. 2020.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na Escola: uma possibilidade de educa o efetiva. **POL MICA**, v. 13, n. 2, p. 1208-1224, 2014. Disponível em: <

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617> >. Acesso em 12 jun. 2020.

DUBOIS, Laís de Toledo. Jogos teatrais na educação: contribuições para o desenvolvimento da criatividade. Orientação de Alessandra Ancona de Faria. Campinas, SP: [s.n.], 2019. TCC DIGITAL. (1 recurso online (p.)), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001126804&opt=4> >

Acesso em: 11 jun. 2020.

FERREIRA, Gláucia de Melo (Orga.). **Palavra de professor(a)**: tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1996.

Disponível em: < <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf> >. Acesso em: 12 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <

<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf> >. Acesso em: 22 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001. Disponível em: < <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/14.-Pol%C3%ADtica-e-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> >

Acesso em: 12 dez. 2020.

KONDRATIUK, Carolina Chagas; NEIRA, Marcos Garcia. **Memórias de Cibele**: caminhos trilhados, experiências corporais e identidade docente. São Paulo, SP: Phorte, 2013.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, 2010. Disponível em: <

<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11444> >. Acesso em: 14 out 2020.

MEYER, Ana Maria. O teatro como um recurso psicopedagógico para a criança na escola. 2002. 141p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: < <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252963> >. Acesso em: 31 jun. 2020.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo, SP: Scipione, 1989.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Rio S.A., 1995. Disponível em: < <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/emc3adlio-ou-da-educac3a7c3a3o.pdf> >. Acesso em: 21 nov. 2020.

SANTANA, Arão Nogueira Paranaguá. O ensino de teatro nas séries iniciais e a questão da formação de professores. **Teatro: Criação e Construção de Conhecimento**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: < <http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2019/bibliografia/o-ensino-de-teatro-nas-series-iniciais-e-a-questao-da-formacao-de-professores/view> >. Acesso em 12 jun. 2020.

SOUZA, Cibele Witcel. **Linguagens teatrais e Educação Infantil**: possibilidades para a construção de uma Pedagogia de corpos inteiros. Grupo de Pesquisa: Pesquisa e Primeira infância: Linguagens e Culturas infantis, 2016. Disponível em: < <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR16.PDF> >. Acesso em: 12 de jun. 2020.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Tradução de Tatiana Belinky; direção de edição de Fanny Abramovich). São Paulo, SP: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Márcia. Teatro na educação: reinventando mundos. In: FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 115-138.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores / Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.